

MINORIA ABSOLUTA

# O MEU PRIMEIRO BEIJO

E OUTROS TRAUMAS

Adam Bagdasarian

DOM QUIXOTE





Adam Bagdasarian

# **O MEU PRIMEIRO BEIJO**

*e outros traumas*

Formatação/conversão ePub: Relíquia

Digitalização: Carla Mártires/José Canelas

Tradução: Susana Serras Pereira

DOM QUIXOTE

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação  
Bagdasarian, Adam  
O meu primeiro beijo e outros traumas  
- (Minoria absoluta; 31)  
ISBN 972-20-2596-1  
CDU 087.5

Publicações Dom Quixote  
Rua Cintura do Porto  
Urbanização da Matinha -Lote A - 2.º C  
1900-649 Lisboa . Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© 2002, Adam Bagdasarian  
© 2003, Publicações Dom Quixote

Título original - First french kiss and other traumas

Capa - Atelier Henrique Cayatte com a colaboração de Rita Múrias

Revisão - Eda Lyra  
1ª edição - Setembro de 2004  
Paginação - Segundo Capítulo  
Depósito legal - n.º 212 105/04  
Impressão e acabamento - Guide - Artes Gráficas

ISBN - 972-20-2596-1

# ÍNDICE



[CARO LEITOR](#)

[O MEU PRIMEIRO BEIJO](#)

[VIDA E OBRA](#)

[CASA NOVA](#)

[A MINHA VERSÃO DA HISTÓRIA](#)

[A MÁQUINA DE PASTILHAS](#)

[primeira depressão](#)

[VIDA E OBRA](#)

[O MONTE DAS CINZAS](#)

[LIGA JUVENIL](#)

[POPULARIDADE](#)

[O NAMORO](#)

[TEMPO](#)

[VIDA E OBRA](#)

[A BRIGA](#)

[O. P. V.](#)

[UMA VIDA CURTA](#)

[O CAÇADOR DE PÁSSAROS](#)

[SKIP VAI PARA A UNIVERSIDADE](#)

[VIDA E OBRA](#)

[A EXPLICAÇÃO](#)

[EMILY](#)

[CENOURAS](#)

[KARATÊ](#)

[CINCO DÓLARES À HORA](#)

[O ANEL](#)

[VIDA E OBRA](#)

[ACABADO](#)

[O DIA DAS MUDANÇAS](#)

[EPÍLOGO](#)

[a bomba de água](#)

Para o meu pai  
E a minha mãe  
E a minha irmã  
E o meu irmão

# SINOPSE



Will, atualmente um homem adulto, conta-nos com grande sensibilidade as memórias da sua adolescência. O que perdemos e ganhamos durante o nosso crescimento? Will deixa algumas pistas ao relatar episódios ora cómicos ora traumáticos deste período mágico e confuso que é a saída da Infância e a entrada na idade adulta.

Os sonhos, as conquistas e as frustrações de um rapaz que nos conta de forma divertida e absorvente como foi a sua primeira tentativa de beijo, a sensação de ter de mudar de casa, a sua relação por vezes difícil com o pai, a ida a um campo de férias, a popularidade (ou a falta dela) na escola, a primeira namorada, o medo e o encarar da morte, as primeiras crises de consciência, a dificuldade em passar a geometria e de vencer no Karatê, entre outras coisas comuns a muitos jovens.

Embora destinado a um público juvenil, muito provavelmente até alguns pais vão acabar por pedir emprestado O MEU PRIMEIRO BEIJO E OUTROS TRAUMAS aos filhos, para ler.

# CARO LEITOR



Durante muitos anos a minha mãe e o meu irmão pediram-me que escrevesse um livro de contos sobre a minha infância. Resisti à ideia porque me considerava um escritor sério e muitas das histórias eram humorísticas, e eu não queria ser um humorista. Eu queria ser F. Scott Fitzgerald ou Ernest Hemingway, ou James Joyce. Queria escrever o tipo de ficção importante que muda o mundo e, que eu soubesse, não havia um só escritor importante que alguma vez tivesse escrito sobre o acampamento de Verão ou sobre a Liga Juvenil de basebol.

Assim, houve o dia em que me sentei e comecei a escrever um romance muito sério e consequente sobre um barman, ao estilo de F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, ou James Joyce. O processo de escrever este romance era de tal modo difícil e árduo que estava convencido de que estava a criar uma obra-prima. Mas não estava. Estava a criar um romance difícil e árduo que, afinal, era ilegível.

Então a minha mãe e o meu irmão disseram, mais uma vez:

-Porque é que não escreves aqueles contos sobre a tua infância?

E desta vez não discuti. Talvez porque tinha chegado a altura certa, ou porque estava farto de ser um escritor desajeitado e meticuloso e via neste livro a oportunidade de me divertir e ser eu próprio. E, de facto, diverti-me. Na verdade, escrever este livro lembrou-me as razões por que queria inicialmente ser um escritor.

Apesar de, até agora, a minha vida ter ocorrido cronologicamente, as minhas memórias dela não procedem do mesmo modo. Por isso convido-vos a acompanharem-me numa viagem aleatória aos anos felizes, confusos, engraçados, traumáticos, tristes e românticos entre as idades dos cinco e dos vinte anos.

Apenas lamento o facto de só ter uma infância sobre a qual posso escrever.

Sinceramente,

«Will»



# O MEU PRIMEIRO BEIJO



Andava há nove dias à espera da festa. Era a festa da Maggie e eu gostava da Maggie, e, segundo os bilhetes que ela me escrevia, ela também gostava de mim. Mais, segundo os bilhetes dela, ela gostava de mim em primeiro lugar, do Dale Koenig em segundo, e do Wayne Ratner em terceiro. Eu era o primeiro desde que tinha assentado mal o pé nas escadas da biblioteca, escorregado e atravessado de cabeça todo o átrio para ir bater numa parede. Eu não via nada de particularmente romântico no episódio, mas quando recuperei os sentidos na enfermaria havia um bilhete da Maggie no meu bolso, a dizer que esperava que a minha cabeça estivesse bem, e que ia gostar mais de mim do que de qualquer outra pessoa para o resto da vida dela.

Isto era muito importante, porque a Maggie Mann era a rapariga mais desejável do sexto ano. Ninguém sabia exatamente a razão deste facto, e no entanto, tudo o que um rapaz de doze anos tinha de fazer era estar perto dela durante cinco ou dez segundos e logo se apercebia de que forças subtis e misteriosas lhe turvavam a mente e tornavam o ato de respirar impossível.

Na noite da festa, penteei e voltei a pentear o cabelo sete vezes antes de decidir que tinha mau cabelo e provavelmente ia ter que usar chapéu para o resto da vida. Inspeccionei o rosto à procura de borbulhas e de sinais do possível início de uma barba, desisti, dei duas palmadas a mim mesmo para dar cor às bochechas, olhei uma última vez para o espelho e decidi que a impressão geral, à exceção do cabelo, era praticamente perfeita.

Enquanto a minha mãe me levava à festa, a noite que se avizinhava aparecia-me numa série de imagens inspiradoras. Esta, sabia, ia ser uma noite memorável: enquanto os restantes rapazes da minha idade se debatiam infrutiferamente com as suas inibições, a Maggie e eu estaríamos a fixar a meta social e romântica para as gerações vindouras de alunos do sexto. Primeiro dançaríamos, e de seguida ela dir-me-ia que me amava ou gostava muito de mim.

-Não me tinha apercebido de quanto, até agora-diria ela.

-Nem eu de ti-responderia eu. Ou qualquer coisa desse género.

Depois de a minha mãe me deixar, dei mais umas palmadas nas bochechas, subi o caminho pavimentado a tijolo que levava à porta principal de casa da Maggie, e toquei à campainha. Mesmo antes de a porta se abrir, verifiquei a braguilha.

-Boa noite, William-disse a Sr.a Mann.

-Boa noite, Sr.a Mann-disse eu, enquanto me questionava mais uma vez sobre como era que uma rapariga tão vistosa como a Maggie podia ter uma mãe tão matrona como a Sr.a Mann.

-A festa é na sala de estar-disse ela, enquanto passávamos por um enorme jarrão japonês e por um retrato do Sr. Mann.

Ao entrar na sala de estar, olhei para a cena com desprezo. Gomo era habitual, as raparigas estavam de um lado da sala a falar e a dar risadinhas, agrupadas em círculos conspiratórios de três ou quatro, enquanto os rapazes estavam de pé do lado oposto a comparar bíceps, a zombar das roupas uns dos outros e de modo geral a ter um ar perdido e desconfortável.

A primeira pessoa que procurei foi a Maggie. Vi-a no lado das raparigas a falar com a Kathy Colter e a Joanne Lieberman. Quando a Joanne viu, segredou no ouvido da Maggie, e a Maggie virou-se, sorriu, e começou a encaminhar-se na minha direção. Devido ao facto de termos vindo a comunicar fundamentalmente por bilhetes durante os últimos nove dias e não termos passado muito tempo cara-

a-cara, apercebi-me de que estava a ficar um pouco nervoso à medida que ela se aproximava. Fiz por me lembrar de que ela já era minha e que não havia mais nada a provar. Este pensamento ajudou a trazer a minha tensão arterial e o meu pulso de volta ao normal.

-Olá-disse ela.-Olá.

Por momentos, não fui capaz de dizer mais nada. Só de olhar para ela fiquei incapaz de respirar.

-Já experimentaste o creme de cebola?-perguntou.

-Ainda não. É bom? Ela acenou a cabeça.

-Fui eu que fiz.

Eu tinha a intenção de dizer:

-Bem, se foste tu que fizeste, eu sei que vou gostar.

Mas o que saiu foi:

-Ah.

Nesse preciso momento, a Joanne acenou à Maggie do outro lado da sala, fez uma careta e gesticulou qualquer coisa com os lábios.

-Acho que a Joanne quer falar comigo-disse a Maggie.

-Está bem-disse eu. E depois, tendo-me lembrado de que esta era a minha noite e que não podia errar, acrescentei:

-Guardas o primeiro slow para mim?

-Sim-disse a Maggie. Eu sabia pela maneira como ela o tinha dito que era um sim especial, mas antes que pudesse saborear a minha conquista, fui cercado por amigos e seguidores.

- Vais curtir com a Maggie? - perguntou o Mike Dichter.

- Pode ser que sim.

- Leva-a para o roupeiro - disse o Kevin Cox - Foi para lá que eu fui com a Eileen.

- Qual roupeiro? - O do primeiro andar. Uma hora.

Uma hora, eu sabia, era o tempo recorde. Eu tinha estabelecido o primeiro recorde em quinze segundos no ano anterior.

- Quando é que curtiste com a Eileen durante uma hora?

- Há duas semanas. Podes perguntar-lhe.

\*

Tive de esperar quinze minutos antes de começar a tocar o primeiro slow e, quando finalmente começou, aproximei-me da Maggie com tanta segurança como alguma vez tinha tido ao aproximar-me de alguém e disse:

- Queres dançar?

Ela assentiu, claro, e aquele assentimento assegurou-me de tantas coisas ao mesmo tempo que me senti um pouco tonto.

Atravessei a sala com a Maggie, pus o braço à volta da cintura dela e comecei a derreter. Nunca antes tinha tido nos braços alguém que fosse tão quente ou tão macia. Nunca antes houvera um corpo que se tivesse encaixado tão perfeitamente no meu.

Enquanto nos balançávamos devagar nos braços um do outro, apercebi-me de que éramos o foco de todos os olhares na sala, que cada rapariga gostaria de ser a Maggie a dançar comigo, e cada rapaz gostaria de ser eu a dançar com a Maggie. A meio da canção, a Maggie encostou a cabeça ao meu ombro e senti a cabeça a ficar leve e todas as cores na sala começaram a ficar quentes e crepusculares.

Quando a canção acabou, olhei para ela. Não havia nada a dizer, nada sequer para tentar dizer, portanto sorri e ela sorriu e separamo-nos e fomos para os diferentes lados da festa.

Depois de a minha cabeça se ter desanuviado, comecei a sentir-me tão confiante e capaz como nunca me sentira na vida. A Maggie era minha - a cara dela, os cabelos, os lábios, braços, mãos, voz, e magia, eram meus e eu sentia-me como se flutuasse a dois ou três metros acima dos restantes. Satisfeito, retirei-me para um canto neutro da sala para gozar o meu bem-estar. Infelizmente, estava de novo rodeado de amigos e seguidores.

- Porque é que não lhe pedes para ir curtir? - perguntou-me o Kevin.

- Peço quando for altura.

Ela quer ir curtir contigo.

- Como é que - Disse-me a Joanne

- O que foi que ela disse ?

- Que a Maggie quer curtir com o Will.

A oportunidade da Maggie chegou passados vinte minutos quando toda a gente formou um círculo no chão da sala de estar para rodar a garrafa. Assisti passivamente enquanto cada ser insignificante entrava no círculo e fazia girar a garrafa, sabendo no fundo do meu coração que só havia um rapaz, uma rapariga, uma volta da garrafa e um beijo que importavam.

Chegada a altura de eu fazer rodar a garrafa, tomei o meu lugar no centro do círculo e olhei para a Maggie. Foi um olhar sensual e conhecedor que fez com que todas as raparigas presentes suspirassem e comesçassem a sussurrar. Então dei um impulso forte à garrafa, observei-a enquanto fazia a única escolha possível e ouvi os aplausos de toda a gente que compunha o círculo.

A Maggie levantou-se como se fosse puxada por um destino sublime e irresistível, e flutuou pela sala até mim. Olhámos um para o outro por um momento, e depois beijámos, um beijo lírico e transportador que espantou os nossos amigos, confundiu os nossos inimigos, e, em geral, silenciou a sala. Então, relutantemente, os nossos lábios separaram-se e voltámos aos nossos lugares no círculo. Naturalmente, todas as voltas da garrafa daquele ponto em diante foram irrelevantes, e depois de três ou quatro voltas, o círculo desfez-se.

Sabia que agora tinha chegado o meu momento. Os preparativos estavam acabados, a minha miúda estava à espera, e não me restava nada a fazer senão atravessar os seis metros que nos separavam, dizer qualquer coisa sedutora e levá-la para algum sítio calmo e privado. Enquanto me encaminhava para ela, ela virou-se, deixando uma amiga, e olhou para mim. Nesse momento, tudo nela parecia dizer sim: «Sim, pede-me», «Sim, vamos», «Sim, podes», «Sim! Sim! Sim!» E portanto, foi com muita confiança em mim mesmo que me virei para ela, lhe pus a mão no ombro, me inclinei para a orelha dela e segredei:

- Queres ir curtir?

A mim parecia-me um pouco bruto, mas, mesmo assim, ela acenou que sim.

Enquanto nos dirigíamos para fora da sala, sentia o peso de quatro dúzias de olhos nos meus ombros. Sabia que toda a gente sabia para onde íamos e que as esperanças e expectativas deles iam connosco. Também sabia que não os ia desiludir. Tudo o que tinha de fazer era pôr os braços em volta da Maggie, segurar a cara dela entre as mãos, pressionar os meus lábios contra os dela com tanta força quanta tivesse e movimentar a minha cabeça de um lado para o outro até que os joelhos dela fraquejassem ou ela tivesse um desmaio, ou levantasse uma das pernas do chão. Não estava certo de qual era o princípio científico que explicava este levantar da perna, mas tinha visto filmes suficientes para saber que de facto acontecia e que ia acontecer à Maggie.

- Aqui dentro - disse ela, e abriu a porta de uma casa de banho.

Quando entrámos ela acendeu a luz, fechou a porta e pôs os braços à minha volta. Isto, eu sabia, era a minha deixa para apagar a luz, segurar na cara dela com as mãos, e beijá-la. Portanto apaguei a luz (mergulhando a casa de banho numa escuridão absoluta), peguei no que esperava que fosse a cara dela com as minhas mãos, e pressionei os lábios contra o queixo dela.

- Espera - disse eu, enquanto acendia de novo a luz. - Não vejo bem.

Estudei a cara dela durante uns instantes, memorizei a localização exata dos lábios dela, apaguei a luz, e beijei o nariz dela.

- Acho que te mexeste - disse, enquanto voltava a acender a luz.

- Eu não me mexi.

- Vamos começar o beijo primeiro, depois eu apago a luz.

E foi isso que fizemos.

Depois de dez ou quinze segundos de beijar e de fazer pequenos ruídos de êxtase, reparei que uma das minhas narinas estava pressionada de encontro à bochecha dela, e a outra contra o nariz. Isto significava que eu não conseguia respirar. Tentei encontrar maneira de a beijar e respirar ao mesmo tempo, mas para onde quer que virasse a cabeça, o nariz dela estava sempre lá. Não lhe queria dizer isso, evidentemente, e interromper o crescendo de paixão para o qual tinha a certeza que nos encaminhávamos, portanto continuei a beijá-la e a fazer pequenos ruídos e a movimentar a cabeça para trás e para a frente. E agora a minha cara começava a ficar quente, como se tivesse febre e sabia que se não respirasse rapidamente ia desmaiar, portanto abri a boca, mas em vez de ar havia a língua dela.

Estava tão pouco preparado para isto que a minha cabeça recuou um bocado. Nunca tinha tido a língua de outra pessoa na boca antes e não tinha a certeza do que deveria fazer com ela. Tentei fazer o melhor que podia e enfiei a minha língua na boca dela, mas não gostei da sensação, portanto retraí a língua e concentrei-me na tarefa de tentar inspirar pelo lado da boca. Esta devia ter sido uma tarefa simples, mas quanto mais eu recuava para conseguir respirar, mais a paixão dela se avivava, até que a minha cabeça estava completamente inclinada para trás, e a dela estava toda inclinada para a frente, e não havia maneira de se distinguir quem devia estar a ter um desmaio e quem devia estar a sentir-se como um mestre.

Antes que os meus pulmões dessem de si, pus as mãos naquilo que dentro em breve seriam os seios dela, afastei bruscamente a cara da dela, e acendi a luz.

- O que é que foi? - disse ela.

- Não consigo respirar - disse. - Desculpa. Espera.

Assim ela esperou e eu inspirei e expirei umas quantas vezes, apaguei a luz, e beijei-lhe o nariz outra vez.

Desculpa - disse enquanto acendia a luz. - Vamos beijarmo-nos primeiro.

Portanto beijamo-nos primeiro e apaguei a luz e de repente não conseguia respirar e a língua dela estava novamente dentro da minha boca. Tentei empurrar-lhe a língua para dentro da boca com a minha língua, mas ela parecia gostar disso, e começou a fazer barulhos outra vez, de modo que me senti na obrigação de fazer com ela.

Por esta altura, comecei a pensar há quanto tempo nos estávamos a beijar. Sabia que não tinha hipótese de quebrar o recorde, mas queria causar uma impressão que fosse pelo menos respeitável; portanto, enquanto fazíamos barulhinhos juntos e virávamos as cabeças interminavelmente de um lado para o outro, calculei quantos segundos eram precisos para fazer dez minutos e comecei a minha longa contagem até seiscentos. Quando cheguei aos vinte e sete, reparei que tínhamos as bochechas quentes e molhadas. Passado um momento, percebi que o molhado era baba e que vinha do lado da

minha boca por onde estava a respirar. Agora tinha três opções: ou parava de beijar a Maggie, pedia desculpa, e voltava à festa; ou virava a cabeça mais uma vez e começava a babar-me pelo outro lado da boca; ou ficava onde estava, continuava a contar e esperava que ela não reparasse. Escolhi a última, mas quando cheguei aos duzentos e vinte e seis já não aguentava mais, portanto afastei bruscamente a cara da dela, acendi a luz e disse do modo mais agradável que pude:

- Talvez devêssemos voltar à festa.

Ela fitou-me por um momento com algo que podia ser desprezo, e acenou que sim.

Quando voltámos à festa, toda a gente parecia um pouco surpreendida e desiludida. A Maggie foi para o lado da sala das raparigas para contar a versão dela da história, e eu fui para o lado dos rapazes e deixei-me cair para uma cadeira. Fui imediatamente cercado e todos perguntavam como tinha sido. Eu poderia ter dito: «Molhado, escuro, sufocante, quente e desconfortável», mas quando os olhei nos olhos ávidos e expectantes, soube que lhes devia algo mais, por isso, -com a minha última gota de energia, fiz um grande sorriso e disse:

- O melhor.

Era o mínimo que podia fazer.

# VIDA E OBRA



Nasço. Vivo numa vizinhança cheia de miúdos - uma vizinhança de rabos-de-cavalo e cabelos à escovinha e mulheres que fazem pão e homens que aparam a relva ao domingo.

A minha mãe tem olhos verdes e é bondosa e terna e suscetível à culpa. Quando olho para o céu ao pôr do Sol, vejo a minha mãe.

O meu pai é o disciplinador. Não consigo fazer nada que lhe escape. Parece saber o que estou a pensar antes que eu o pense. Tem um sorriso capaz de aquecer um castelo escocês do século XVI com setenta e oito divisões no Inverno. Tem também limites muito bem demarcados e o mau génio para os patrulhar.

Na escola pinto com os dedos e sou obrigado a dançar no meio de um círculo de miúdos.

Eu e o meu amigo Scotty comemos passas juntos e falamos sobre rãs. Ambos gostávamos de ter pernas de rã para podermos saltar até à China e ou ao México.

Um dia, o meu pai chega a casa com três Grammys nos braços. Um dia, está a ser entrevistado por uma senhora da revista Life. Uma noite fala-me a mim e ao meu irmão sobre uma casa que tem uma escadaria, uma piscina, e um jardim maior que a nossa casa toda:



# CASA NOVA



Porque o meu pai era o único membro da família que verdadeiramente gostava de mudança, era o único de entre nós que estava verdadeiramente feliz no dia em que nos mudámos da nossa doce casa amarela em Van Nuys para a enorme mansão de pedra em Beverly Hills. A minha mãe, que tinha resistido à mudança até ao fim, esteve solene e irritadiça a maior parte do dia, e o meu irmão e a minha irmã, que estavam a deixar para trás a escola, os amigos, a auto-estima e orgulho, pareciam estar em estado de choque.

Eu era o segundo membro mais feliz da nossa família, porque, segundo o meu pai, a casa nova tinha uma escadaria, um corrimão, um lustre e uma cave. E também porque tinha seis anos e não tinha noção de estar a deixar nada para sempre. Pela parte que me tocava, este era só um dia de aventura - um dia de homens das mudanças e de correrias e caixas e vizinhos a dizer adeus e a parecerem tristes por alguma coisa.

A viagem até à nova casa foi uma experiência deprimente. O meu pai já tinha ido à nossa frente, por isso era só a minha mãe, irmão e irmã e eu. Ninguém falou o caminho todo. Ninguém sequer parecia querer falar, portanto não tinha nada para fazer para além de olhar pela janela do carro e ver o mundo familiar a tornar-se gradualmente desconhecido.

Quando chegámos à casa nova e entrei, maravilhei-me com a incrível escadaria verde e com os lustres e com a câmara frigorífica que era uma divisão inteira e com o jardim com a sua piscina e anexos e alpendre para os carros. Durante a primeira meia hora, senti-me como se tivesse vindo a um circo e não a uma casa, e a novidade era um convite à aventura e à descoberta. Está claro, o jardim da frente não era bem como o nosso antigo jardim da frente, e a vizinhança, com as suas ruas limpas e silenciosas e as suas mansões tumulares, não parecia tão gregária e convidativa como a nossa antiga vizinhança, mas talvez fosse, ou talvez viesse a ser em breve. No entretanto, estava a conhecer a Eulalie, a nossa nova governanta, a acender e apagar os lustres e a observar os arco-íris nos cristais. Depois o meu irmão e eu subimos as maravilhosas escadas verdes até ao nosso quarto novo, que tinha o dobro do tamanho do nosso quarto antigo e tinha almofadas redondas nas camas e lavatórios de mármore na casa de banho.

Enquanto o meu irmão desembalava as roupas dele, eu explorei o resto da casa, acendi e apaguei os lustres outra vez, e corri pela escada acima e abaixo. Na minha terceira corrida pela escada, a subir ou a descer, apercebi-me de que alguma coisa não estava bem certa. Era tudo novo, obviamente, e excitante, mas era mais alguma coisa ainda - alguma coisa que dava a sensação de espaço frio à espera de ser preenchido - à espera de ser aquecido pela experiência e pelo riso e pela vida. Tentei concentrar-me nas escadas e no corrimão e nos lustres, mas não conseguia deixar de reparar que as paredes verdes não eram as nossas paredes, e que os degraus verdes pareciam desaparecer em direção a uma vasta incógnita.

Numa atitude de desafio ou de autodefesa, voltei a subir para o meu quarto e falei com o meu irmão enquanto ele pendurava a roupa no roupeiro dele. Durante quinze minutos fizemos caras felizes e dissemos palavras felizes, mas algo estava errado - algo que nos puxava para dentro de nós mesmos e fazia com que fosse impossível falarmos da mesma maneira familiar de antigamente. Eu falava incessantemente do corrimão e da câmara frigorífica e da escadaria, na esperança de que se dissesse bastantes coisas felizes a sensação desapareceria, mas não desapareceu, portanto fomos lá para fora

ver os homens das mudanças. Mal chegámos lá fora, o meu irmão disse: - Olha, Will, temos uma árvore. Isto significava que tínhamos uma árvore de trepar, o que era uma boa notícia porque em Van Nuys tínhamos tido a melhor árvore de trepar do mundo. Tinha três melros ou três e meio e cada ramo robusto ia dar mesmo ao próximo ramo até que se chegasse ao topo, onde dois ramos grossos convergiam para fazer um assento muito confortável. Eu tinha reparado na árvore umas horas antes, quando tínhamos acabado de chegar à casa e lembrava-me de ter pensado que não parecia muito boa para trepar. Não obstante, agora, na esperança de que por magia se tornasse numa boa árvore de trepar quando começássemos a subir, disse:

- Ótimo!

Assim, fomos até à árvore, escalámos pelo tronco até ao primeiro ramo, trepámos lá para cima e ficámos ali sentados, a um metro e meio do chão. O meu irmão olhou para cima para ver se conseguia ir mais alto e descobriu que a árvore era estruturada de tal maneira que não podia subir mais. Um metro e meio era tudo quanto íamos trepar em Beverlly Hills, e isso pôs o meu coração de seis anos doente, e o coração de dez anos do meu irmão quatro anos e meio mais doente ainda. Nesse momento, percebi porque era que os nossos vizinhos tinham parecido tristes e porque era que a minha mãe estava irritadiça e o que era que adeus queria dizer. Queria dizer estar sentado a um metro e meio do chão numa árvore desconhecida com o coração pesado.

Nem o meu irmão nem eu dissemos uma palavra. Não era preciso. Limitamo-nos a descer da árvore e voltar ao nosso quarto. Não sei exatamente o que se passava na cabeça do meu irmão sentado em cima da cama, mas tenho a certeza de que tinha qualquer coisa a ver com sentir-se perdido e triste e impotente e traído. Tenho a certeza de que ele estava a joeirar os despojos da antiga vida, a ponderar a rapidez com que tinha passado da popularidade extrema para a extrema obscuridade. Eu, por outro lado, estava a oscilar entre o êxtase e o desespero - num minuto pensava em escorregar pelo corrimão abaixo, e no seguinte nas escadas verdes a desaparecerem em direção a toda aquela incógnita. Não sei onde estava a minha irmã, mas presumo que estava no quarto dela a chorar ou tentar não chorar. Isto apesar do facto de as paredes do quarto dela estarem pintadas num cor-de-rosa muito bonito e de ela ter a sua própria varanda.

O crepúsculo veio a seguir, e depois o jantar.

Foi um jantar simpático, principalmente porque o meu pai era capaz de obliterar a estranheza de qualquer casa pela simples força da sua personalidade. Consequentemente, durante a meia hora que demorámos a comer, o meu irmão e a minha irmã foram eles próprios como dantes e nós éramos novamente uma família sentada num quarto quente a jantar.

Depois de cada prato, a minha mãe pressionava um pequeno alto debaixo da alcatifa e a Eulalie vinha levantar a nossa louça e servir-nos o próximo prato. A novidade da campainha foi o bastante para manter a minha mente ocupada durante grande parte da refeição; e entre isso e a personalidade do meu pai, ninguém ficou a olhar tristemente para o prato ou caiu em silêncio, ou começou a chorar. Depois do jantar, porém, quando o meu irmão e eu estávamos de volta ao quarto, a velha sensação de estranheza da casa voltou. Mais uma vez, tentámos falar da maneira como tínhamos falado na casa antiga, mas continuava a não ser o mesmo e finalmente não havia nada a fazer excepto vestir os pijamas, apagar a luz e tentar dormir.

Se eu soubesse então o que sei agora, teria dito ao meu irmão que dentro de dois anos seria o melhor atleta da escola e que ia ser eleito presidente do oitavo ano. Depois teria ido ao quarto da minha irmã e ter-lhe-ia dito que o telefone dela nunca ia parar de tocar e que ela ia ser secreta e publicamente admirada por alguns dos rapazes mais populares do ano dela. Teria dito aos dois que estávamos safos - que nada para trás de nós se ia perder e que tudo à nossa frente ia ser ótimo.

Mas esses anos estavam ainda por vir, portanto tudo o que podia fazer era virar-me de lado, olhar pela janela para a nova vista e ouvir o meu irmão a rolar de um lado para o outro debaixo dos cobertores.

# A MINHA VERSÃO DA HISTÓRIA



Estava sentado à secretária no meu quarto a praticar a minha assinatura quando o meu irmão entrou e me perguntou se queria ir jogar à bola ou tentar uns cestos.

- Não - disse eu.

Portanto ele espreitou por cima do meu ombro e olhou para as assinaturas, foi à casa de banho por uns momentos, voltou, foi até à secretária dele, desenrolou um rolo inteiro de fita-cola e colou-a à minha cabeça.

Naturalmente, fiquei furioso.

- Para que é que fizeste isso? - perguntei.

Era uma pergunta estúpida porque eu sabia muito bem porque era que ele tinha feito aquilo. Tinha-o feito pela mesma razão por que me tinha enfiado no cesto da roupa suja e me tinha atado a uma cadeira com as minhas melhores gravatas. Tinha feito aquilo porque tinha catorze anos e a grande sorte de ter sido abençoado com um irmão mais novo que podia importunar sempre que quisesse.

- Tenta tirar isso - disse ele.

Isto foi o que tentei fazer, mas ele tinha esfregado a fita-cola contra o meu couro cabeludo com tanta força que ela se tinha tornado parte da minha cabeça.

- Deixa-me tentar - disse ele.

Assim tentou, e eu dei um grito, e ele parou. Depois, puxou delicadamente um pedaço de fita-cola do lado da minha cabeça e, junto com ele, seis ou sete dos meus cabelos.

Mesmo só tendo nove anos, eu sabia que tinha sido profundamente injustiçado; mesmo com nove anos sabia que isto violava todos os códigos de justiça e desportivismo que alguma vez me tinham ensinado. E portanto, com o coração cheio da fúria dos justos e de indignação, saltei da minha cadeira e deixei o meu irmão, em busca de justiça.

Naquele tempo, a justiça parecia-se muito com a minha mãe. Tinha uns lindos cabelos castanhos, um sorriso quente e encantador, e uma voz suave e cheia de compreensão. Era reconfortante saber que, numa questão de segundos, a minha mãe ouviria as provas, as pesaria, e castigaria o meu irmão. Normalmente, o caso não era tão claro. Normalmente, eu fazia alguma coisa sem querer, depois o meu irmão fazia-me qualquer coisa a mim, e eu fazia-lhe qualquer coisa a ele, e ele a mim, e por aí em diante, até que era impossível distinguir quem tinha a culpa. Mas isto -isto era o caso da minha vida. E o melhor de tudo era que as provas estavam coladas à minha cabeça.

Quando cheguei ao quarto da minha mãe, vi que a porta estava fechada. Hesitei um momento, a pensar se ela estaria a dormir; mas tinha tanta certeza do meu caso, estava tão convencido da justeza geral da minha missão que abri a porta e entrei de rompante no quarto a gritar:

- Mãe! Mãe! O Skip pôs ...

E então apercebi-me de que estava a falar com o meu pai, e não com a minha mãe.

Para se compreender a enormidade do erro que havia cometido, tem que se compreender o meu pai. O meu pai tinha um metro e setenta e um de altura, e um corpo robusto e poderoso, e era maior do que a vida em riso, força, carácter, integridade, humor, apetite, espírito, inteligência, calor humano, curiosidade, generosidade, magnetismo, perspicácia, e fúria. Consequentemente, a ele não lhe interessavam as coisas pequenas da vida como os desentendimentos mesquinhos, as rivalidades ou disputas. O trabalho dele, tal como ele o encarava, era tornar-nos nos melhores seres humanos que

podíamos ser - era guiar-nos, amar-nos, e ensinar-nos as grandes leis da honra, da coragem, da honestidade e da auto-suficiência. Ele era a única pessoa a quem alguém se devia dirigir no caso de ter cortado uma artéria, partido as costelas ou ter qualquer doença ou problema financeiro sério, mas não era o tipo de homem com quem se podia conscientemente irromper no quarto aos gritos de algo menos do que: «A casa está a arder!» ou «Alguém roubou o carro!»

Eu tinha consciência disto, evidentemente, e foi por isso que, quando vi o meu pai, a cor se me escapou da cara. O meu primeiro impulso foi o de sair às arrecuas do quarto, e fechar a porta cuidadosamente enquanto saía, mas tinha passado tão rapidamente da indignação ofensiva para o medo e o espanto defensivos, que me sentia um pouco desorientado. Por momentos, pensei em dizer-lhe que me cheirava a fumo ou que tinha visto alguém a roubar o carro, mas não podia mentir. Também não podia dizer a verdade. De facto, por um momento, não conseguia falar.

- O que raio é que estás a fazer? - disse o meu pai.

Comecei a dizer:

- Estava sentado à secretária, metido comigo mesmo, quando ...

E parei. Parei porque sabia instintivamente que ter fita-cola na cabeça não bastava, nem andava perto de bastar para justificar a minha entrada tresloucada e não anunciada neste quarto.

- Quando o quê?

- Nada.

- Entraste aqui aos berros por alguma coisa. O que foi que aconteceu?

-Eu não ...

- Tu não quê?

- Eu não sabia que o pai estava aqui.

- E depois! Sabias que estava aqui alguém! O que é que o Skip fez?

- O Skip ... ah. Eu estava sentado à secretária e o Skip ...

- O Skip o quê? Diz-me!

- Pôs-me fita-cola na cabeça.

Isto era aparentemente tudo o que o meu pai precisava para pôr as engrenagens da sua ira em movimento.

- Entraste aqui a correr sem bater à porta porque o Skip te pôs fita-cola na cabeça?

- Não, eu ...

- Tu não te importaste que a porta estivesse fechada? Não te preocupaste com o facto de a tua mãe poder estar a dormir?

Eu queria explicar-lhe que isto já acontecia há anos, que a Mamã e o Skip e eu tínhamos um acordo, mas sabia que não estávamos a ter um debate. Sabia também que tudo o que dissesse só podia piorar as coisas.

- É isso que tu fazes? Entras nos quartos das pessoas aos berros? - agora ele estava de pé, e avançava na minha direção - Não bates à porta?

[35]

- Não. Sim.

Nesta altura, o meu irmão entrou no quarto, viu o que se estava a passar e ficou a ver fascinado.

- Olha! - disse o meu pai - eis o que fazemos à fita-cola! E com isto puxou-me a fita-cola toda da cabeça, juntamente com cinquenta ou sessenta dos meus cabelos.

Eu calculei que ele só estivesse a uns poucos segundos da argumentação final, e os meus cálculos eram bastante acertados.

- Tu ... - Trau! - nunca mais ... - Trau! - voltas a mtrar ... - Trau! - aqui ... - Trau! - sem bater! Estás

a ouvir? - Silêncio. Trau! - Estás a ouvir ...

E então, ouvi um riso abafado a escapar-se do sítio onde estava o meu irmão e vi-o a ir-se embora a correr. -Ouves?

- Sim, Papá, sim, ouço.

- Vais voltar a entrar aqui sem bater primeiro?

- Não, não.

- Nunca!

- Nunca.

- Agora sai-me daqui!

E eu saí e ouvi-o a bater com a porta atrás de mim.

\*

Não havia muito a fazer depois disso para além de ficar sentado à secretária a pensar o que teria acontecido. Eu estava sentado à secretária a assinar o meu nome, o Skip pôs-me fita-cola à volta da cabeça, corri para contar à Mamã, encontrei o Papá e as luzes apagaram-se. Onde, perguntava eu, estava a justiça nisto tudo? Evidentemente, ao irromper no quarto da minha mãe, tinha entrado num mundo maior de justiça, um mundo no qual os gritos, os queixumes, a dependência da mãe, não bater às portas fechadas, e surpreender o pai, eram crimes graves. Essa parte eu percebia. A parte que eu não percebia era a parte sobre a razão pela qual o meu irmão, que tinha começado tudo ao pôr fita-cola à volta da minha cabeça, não tinha sido castigado. Portanto, em defesa de uma justiça menor, fui até à estante dos troféus dele, peguei num dos troféus de basebol e fui lutando com o pequeno atleta dourado até o arrancar do suporte.

Com um pouco de sorte, podia ser que o meu irmão quisesse ir contar isto ao meu pai.

# A MÁQUINA DE PASTILHAS

## *primeira depressão*



Estava deitado na cama, supostamente a fazer uma sesta, mas não conseguia dormir - não conseguia sequer fechar os olhos. Só conseguia pensar numa coisa, na máquina de pastilhas que o meu pai me tinha ido comprar. Toda a ideia da máquina era mágica para mim: a redoma de vidro transparente cheia de pastilhas brilhantes e redondas, a ranhura para a moeda, a alavanca prateada, o manejar da alavanca - cento e cinquenta pastilhas redondas debaixo da redoma de vidro. Era um milagre e dentro em breve, talvez muito breve, seria minha.

Pela janela do quarto, via um dia nublado - o tipo de dia tristonho e deslavado que precisava de uma máquina de pastilhas para valer a pena. E a máquina de pastilhas estava a caminho, estava mesmo! Daqui a pouco tempo, eu ia deitar as moedas na ranhura, e puxar a alavanca, e ouvir o som duro da pastilha a bater na portinhola de metal. Daqui a pouco tempo, estaria a mastigar a pastilha e depois ... E depois, ia mastigar mais pastilhas, e mais ainda depois disso. E depois ...?

E depois? A pergunta surgiu tão persuasiva e claramente que me levantei da cama. Bem, depois ia mastigar as pastilhas. Mas na verdade era tudo só pastilhas, e eu tinha mastigado pastilhas umas mil vezes antes. Bem, também havia o puxar da alavanca e a pastilha a sair. E então? Eu tinha já puxado alavancas de máquinas de pastilhas. E daí? E não conseguia encontrar resposta para aquela pergunta, não conseguia encontrar razão alguma para que uma máquina de pastilhas tivesse alguma importância; e olhei pela janela para o dia nublado e senti-me a cair naquele dia, a cair até ao fundo da revelação de que não havia sítio para onde ir, não havia pelo que esperar ansiosamente. Era só uma máquina de pastilhas; só uma redoma de vidro, uma alavanca de metal e demasiadas pastilhas. E por muitas vezes que puxasse a alavanca tudo o que me ia sair era uma pastilha. E tudo o que podia fazer com as pastilhas era mastigá-las. Uma pastilha não podia voar ou falar ou levar-me a algum lado. Eram só pastilhas, e por muitas pastilhas que tivesse, continuariam a ser pastilhas. E se não houvesse a máquina de pastilhas, o que é que ia haver? Dias, era isso que ia haver. Anos e anos de dias. Dias como pastilhas. Dias de árvores e céu e caras e comida. As mesmas árvores, o mesmo céu, as mesmas caras e a mesma comida. E todos estes mesmos enfureciam-me, porque não havia fuga possível a eles, não havia alternativa, não havia nada a fazer senão adormecer e submeter-me a eles. E as paredes que me rodeavam eram feitas do mesmo, e a minha cama e as vidraças eram feitas do mesmo, e eu não conseguia evadir-me. Ia puxar uma alavanca e receber uma pastilha; e acordar e receber um dia; ia mastigar a pastilha; ia passar o dia; ia cuspir a pastilha; ia adormecer. E tudo o que ia haver para mim eram dias e máquinas de pastilhas. Nada de viagens em tapetes voadores à meia-noite, nada de poderes de invisibilidade, nada de civilizações subterrâneas, nada de homens-diamante, nem mulheres de ouro, nem cães falantes, nem caracóis a dançar. Só pastilhas redondas sob a redoma de vidro e dias sob a redoma do céu. Mesmo o México, o meu retiro imaginário, seria só o México: outro lugar de dias, outra armadilha de árvores e água e comida e caras; só mais nada, mais sítio nenhum. E todas as máquinas de pastilhas do mundo não podiam mudá-lo porque eram só pastilhas e vidro e metal. E comecei a chorar porque não podia partir o céu e ir a Plutão, não podia trepar uma árvore e tocar na Lua, não podia comprar um tapete e voar para longe. Chorei porque não

havia outro sítio onde ir, nem nada para fazer - porque as minhas lágrimas não conseguiam fazer um tapete voador, ou uma floresta encantada, ou um génio, ou uma ninfa. Chorei porque pensei que ia sempre ter cinco anos naquele dia parado à espera de uma máquina de pastilhas que não importava.



# VIDA E OBRA



Tenho uma década e não consigo ganhar um jogo de Monopólio, nem que a minha vida dependa disso. De cada vez que estou prestes a ganhar, o meu irmão e o meu primo aliam-se, emprestam dinheiro um ao outro, dão livre-trânsitos um ao outro quando lhes calha um hotel, e juntam os rendimentos para comprar caminhos-de-ferro. Pouco depois, estou teso, frustrado, e na cadeia.

Tenho montes de gordurinhas de bebé que por vezes o meu irmão belisca. A minha mãe assegura-me que dentro em breve vou perder as gordurinhas e vou crescer até um tamanho que condiga com as minhas orelhas, que são grandes para a maioria das pessoas. O meu irmão chama-me Dumbo. Eu rio-me porque não tenho vaidade nenhuma. Como prova deste facto, continuo a cortar o cabelo no Corte e Caracol do Dan. O Dan corta-me o cabelo e de seguida põe-lhe tanta laca que não se mexeria num tornado. O meu cabelo laçado tem o toque do plástico duro e pode ser rachado em bocados e examinado.

Embora sociável e extrovertido, tenho um mundo privado muito bem delimitado. Neste mundo, sou um agente secreto, um atleta famoso, um mulherengo. Movo-me como um gato e tenho reflexos felinos. No entanto, depois de ver o Damn Yankees oito vezes numa semana na televisão, começo a ter uma paixoneta pela Gvuen Verdon e começo a mover-me menos como um gato e mais como um dançarino.

Se me tivessem pedido que fizesse uma lista das cinco coisas que mais gostaria de fazer nas férias de Verão, teria começado com ler bandas desenhadas. Depois, viria acender foguetes, comer bolo de chocolate, dormir em casa dos Finleys e ir a Seattle para a Exposição Mundial. Mas o meu pai fez a sua própria lista das cinco coisas que gostaria que eu fizesse nas férias. E essa lista começa com o campo de férias:

# O MONTE DAS CINZAS



Não era de certeza um campo de férias como nós achávamos que os acampamentos de Verão deviam ser. Um campo de férias era, assumíamos, jantar em cantinas, ponche de fruta, milho assado na maçaroca, baseball, badmington, escalar cordas, e fazer passeios frescos pela floresta. Um campo de férias não era, que soubéssemos, uma montanha preta chamada Monte das Cinzas e um calor de trinta e nove graus com mochilas de doze quilos às costas e o sol escaldante por cima. Um campo de férias devia, segundo nos tinham dito, ser uma coisa divertida.

- Faz-vos bem - disse o nosso monitor, um homem robusto e rotundo de cara vermelha e redonda, chamado Russ. - E prometo-vos que quando chegarmos ao fim e estiverem de pé no topo daquela montanha, vão sentir-se como nunca.

Continuou, dizendo que a montanha não era verdadeiramente uma montanha mas sim um objetivo, e que se desistíssemos da montanha, íamos passar o resto das nossas vidas a desistir das coisas.

E então disse:

- Vamos embora.

Apesar da nossa renitência, éramos um grupo bastante alegre a princípio, cantávamos e assobiávamos e de um modo geral gozávamos a sensação da areia suave por baixo das nossas botas pesadas. Passados trinta ou quarenta metros, porém, os assobios esmoreceram e as vozes apagaram-se e só havia o silêncio quente, ocasionalmente interrompido por grunhidos e respiração ofegante.

- Não olhem para cima - disse o Russ. - Olhem só para a areia à vossa frente. Um passo de cada vez. Passo a pesado passo esforçamo-nos, com as pernas doridas, as bocas secas e as cabeças baixas. O calor era fantástico. Não era apenas um calor normal de Verão, mas antes um calor ardente e opressor que nos levava não só a energia como também o espírito.

Quinze minutos depois, os nossos grunhidos eram mais audíveis, e metade do nosso grupo queixava-se de tonturas, pés doridos e queimaduras das correntes das mochilas.

- Vamos mesmo sentir-nos diferentes quando alcançarmos o cume? - perguntei.

- Podes crer - disse o Russ.

- Cinco minutos depois perguntei:

- E se desistíssemos da montanha desta vez e para o ano voltássemos todos e a escalássemos?

- Nunca mais conseguem - disse o Russ. - Se desistirem uma vez, desistem para sempre. Não se pode fazer batota com a montanha.

Assim, mantive a cabeça baixa e reparei que com cada passo que dava, escorregava na areia meio passo para trás. Quando mencionei este facto ao Russ, ele disse:

- É assim a vida. Dois passos em frente, um passo para trás.

Na verdade, eu nunca tinha querido ir para um campo de férias, mas o meu pai estava preocupado com o meu carácter e tinha-se convencido de que, se me fosse dado escolher, eu preferiria sentar-me no colo da minha mãe do que conduzir um trator, o que, de facto, era verdade - se fossem essas as únicas opções que tinha. .

- Ele vai para um campo de férias - disse ele à minha mãe uma noite, e duas semanas depois, um homem de cabelos negros e aspecto saudável que dizia chamar-se Tio Bob estava sentado na nossa sala de estar a mostrar-nos um filme sobre o Campo do Bob. O filme mostrava jovens felizes e de ar bem comportado, mais ou menos como eu, a sorrir para o céu, a respirar fundo e a fazer festas a

cavalos.

De acordo com o Tio Bob, o Campo do Bob oferecia tudo aquilo que um rapaz ou uma rapariga saudável e bem-adaptados podia querer da vida: boa comida, tiro ao arco, natação, cantigas em grupo e companheirismo.

- Onde dormem os rapazes? - perguntou o meu pai. Eu vi que ele tinha gostado imenso do Tio Bob e que eu ia para o campo de férias onde quer que «os rapazes» dormissem.

- Em cabanas de madeira - respondeu o Tio Bob - Cabanas novas em folha de madeira de carvalho. Sem carpetes, claro - riu-se ele -, mas conforto quanto baste para um rapaz.

Como viemos a descobrir, o único que dormia numa cabana de madeira era o Tio Bob, e a cabana tinha bastantes carpetes, assim como duas televisões, um sofisticado sistema de alarme e uma banheira de massagens. Nós dormíamos em pequenos casinhotos quadrados sem janelas, com soalhos de madeira torta e formigas vermelhas.

- Os miúdos adoram o Campo do Bob - disse o Tio Bob à minha mãe e ao meu pai. Depois contou-lhes do pessoal enérgico e fiável, sorriu, e foi-se embora com um cheque assinado pelo meu pai.

- E que tal uma cantiga? - disse o Russ, interrompendo a minha meditação. E depois começou a cantar:

- Cem garrafas de cerveja na parede, cem garrafas de cerveja. Se uma das garrafas por acaso caísse, noventa e nove garrafas de cerveja na parede. Noventa e nove garrafas de cerveja na parede, noventa e nove garrafas ...

Continuou assim, sozinho, até que eram só quinze garrafas de cerveja na parede e o Joey Becker rebolou pela montanha abaixo uns três metros. . Alguém gritou:

- Olhem!

- Pára tudo - disse o Russ, e virou-se para trás. - Alguém vá buscar o Joey.

Olhámos todos uns para os outros. Embora quase todos gostássemos do Joey, nenhum de nós queria perder três metros para o ir buscar.

- Porque é que não o apanhamos na volta? - perguntou alguém.

- O último da fila vai buscar o Joey - disse o Russ. - És tu, Dirk.

Apesar do nome prometedor, o Dirk talvez fosse o mais frágil de entre os membros do grupo. Ele tinha chegado ao campo com uma lista dactilografada das enfermidades de que sofria, juntamente com uma lista de permissões e proibições dietéticas. Que nós soubéssemos, sofria de ossos frágeis, dentes sensíveis, sinusite e saudades de casa; tinha medo de água, insetos, cavalos, luzes fortes, do escuro e de armários. Não obstante, começou a descer a encosta em direção ao Joey.

- Como é que ele está? - perguntou-lhe o Russ.

-Está ...

Morto, pensei eu.

- ... bem - disse o Dirk. - Mas diz que não pode continuar.

- Ajuda-o a levantar-se - disse o Russ.

O Dirk tentou ajudar o Joey a levantar-se, depois olhou para o Russ.

- Ele diz que se eu lhe toco me bate.

- Ele não vai bater em ninguém - disse o Russ - porque sabe que se fizer isso, vai ter de me bater a mim também.

O Dirk tentou mais uma vez ajudar o Joey a pôr-se de pé e, desta vez, o Joey deixou-o.

- Como é que te sentes, Joey? - perguntou o Russ.

O Joey, que parecia demasiado enfraquecido para responder em palavras, acenou uma vez,

desanimado, e veio lentamente ter com o resto do grupo.

- Vamos embora - disse o Russ. - Só mais trezentos metros.

Apenas tinham passado vinte desses metros quando os grunhidos e as tosses começaram, juntamente com implorações para pararmos, implorações para irmos mais devagar, e implorações para voltarmos para trás.

Não sei por que razão, o Russ pensou que aquele era o momento perfeito para me contar tudo sobre si próprio. Tinha três irmãos e duas irmãs. O nome da irmã mais velha era Anne. Penny, a mais nova, tocava piano. Os três irmãos eram guardas florestais, cada um de uma floresta diferente. Contou-me que cada pessoa tem um certo número de batimentos cardíacos atribuídos à nascença e que as pessoas que fumam ou jogam gastam os batimentos delas mais depressa do que as que não o fazem. O objetivo dele, dizia, era fazer descer o ritmo cardíaco até às dez ou quinze batidas por minuto, o que significaria que podia viver até aos cento e trinta ou cento e trinta e cinco anos.

Por esta altura deixei de o escutar, não porque estava farto, mas porque me apercebi de que, se o que ele dizia sobre os batimentos cardíacos era verdade, então, à velocidade a que o meu coração estava a bater, já devia ter gasto a infância e os primeiros anos da vida adulta e estava mesmo a chegar à meia-idade.

E então a voz do Russ começou a assemelhar-se a uma cascata, e eu soube que ia morrer.

- Só mais sessenta metros - disse ele. Eu só ouvi uma onda a rebentar.

Os gritos dos meus camaradas já não eram gritos de rapazes mas sim de gaivotas, e a areia à minha frente reluzia, primeiro como diamantes e depois como o mar.

Mesmo quando me preparava para fechar os olhos e render-me àquele mar, senti um crescendo de força e determinação dentro de mim que exigia não só que eu parasse de alucinar, mas ainda que chegasse ao cume da montanha pelos meus próprios pés. Não sei se tinha alguma coisa a ver com atingir objetivos ou com enfrentar a vida, mas por alguma razão sabia que queria lá chegar - tinha de lá chegar, estava determinado a lá chegar. Mesmo se nunca mais fizesse nada de valor com o resto da minha vida, mesmo se o resto da minha vida não passasse de mais cinco ou seis minutos.

- Mais trinta metros - disse o Russ.

Nunca até aquele momento tinha sentido tanta força dentro de mim, e nada, nem as minhas botas pesadas, nem a mochila de doze quilos nem as minhas pernas doridas, me ia fazer parar. Cabeça baixa, pensei. Um passo de cada vez.

- Vinte metros - disse o Russ.

Com cada metro, sabia, estava a construir o meu carácter e quando chegasse ao cume da montanha, havia de ter tanto carácter que seria quase irreconhecível.

- Dez metros.

Conquistei aqueles dez metros e então, miraculosamente, tinha acabado. Tinha enfrentado a montanha, ganho o desafio, atingido o objetivo. Fiquei de pé muito quieto por um minuto, à espera de ser varrido por uma onda de superioridade ou de masculinidade.

- Bem, conseguiste - disse o Russ. - Como é que te sentes?

- Normal - disse eu. - Quando é que começo a sentir-me o maior?

- As vezes demora um bocado a penetrar - disse o Russ. Portanto sentei-me perto de uma grande pedra e dei-lhe

tempo para penetrar. Depois de cinco minutos sentia-me exatamente como a mesma pessoa que tinha sido antes de subir a montanha, só que mais magro e menos alegre. Por esta altura, os meus colegas do campo tinham-se sentado aqui e ali ao meu lado, e perguntei ao Joey Becker se eu estava com um ar diferente.

- Não consigo respirar - disse ele.

- Mas pareço-te diferente, Joey? - perguntei, e cerrei os dentes levemente para realçar o meu maxilar.

- Pareces igual - disse ele. - Deixa-me em paz. Então levantei-me e andei um bocado de um lado para o outro a tentar sentir-me diferente. Olhei para a montanha que acabara de escalar e tentei amá-la ou desdenhar dela ou sentir-me uno com ela ou superior a ela, mas não tinha forças para nada disso. Derrotado, voltei à minha pedra e considerei a situação. Tinha confiado no meu monitor, escalado a montanha, enfrentado o desafio e ganho absolutamente nada. Não me sentia dez centímetros mais alto ou vinte anos mais sábio ou sequer mais atraente. Sentia-me exatamente como eu próprio só que ... só que melhor. Só um bocadinho melhor.

- Todos de pé - disse o Russ. - São duas milhas daqui ao lago.

# LIGA JUVENIL



Na Liga Juvenil de Basebol o meu irmão era uma estrela, um batedor de .500, um competidor nato, o sonho de um Treinador.

Eu sou o que o treinador vê quando acorda. Não sei correr, bater, defender, apanhar ou atirar e sou enviado para a Sibéria do mundo do basebol - o campo direito. Pouquíssimas bolas me são dirigidas no campo direito. Quando vejo uma bola a voar na minha direção, há algo que explode no meu cérebro e os meus joelhos começam a tremer. A medida que a bola começa a descer, tento lembrar-me de tudo o que aprendi sobre basebol. Perto da histeria, abro bem a luva e faço votos para que corra bem. Depois ouço a bola a cair à minha esquerda e as vozes iradas dos meus companheiros de equipa a exortarem-me a apanhar a bola e atirar. Vejo-os todos à espera enquanto o inimigo percorre as bases. Freneticamente, corro para a bola, tropeço num aparelho de rega automática, recupero o equilíbrio, pego na bola e atiro. Há seis luvas abertas à espera da bola, mas ela passa por todas elas e vai parar contra a vedação. O corredor pontua. O meu treinador revira os olhos. O jogo está perdido.

Passados dois dias, quando é a minha vez de bater, dizem-me para fazer contacto. Metade da equipa faz ainda questão de me lembrar que um avanço de uma base é tão válido como uma bola batida. Entro na caixa do batedor, e toda a tensão desaparece dos jogadores da outra equipa: na terceira base, um jogador inspeciona a luva; na primeira, está de mão na anca; outro jogador boceja; o da segunda base endireita-se e diz adeus à mãe nas bancadas; os jogadores na periferia do campo avançam cinco metros e começam a endireitar as palas dos capacetes. Sinto-me extremamente humilhado e o que mais gostaria de fazer era de acertar na bola e fazê-la voar direita pelo meio do campo, mas sei que não vou conseguir.

A primeira bola passa por mim tão rapidamente que não tenho tempo de tirar o taco do ombro.

- Tira o taco do ombro! - grita uma voz das bancadas. A segunda bola está fora, mas eu tento acertar-lhe na mesma.

- Bem visto, bem visto - zomba a outra equipa.

Faço falta na próxima bola, portanto a contagem ainda é de zero dois. Quero tanto bater um ponto que lhe sinto o gosto na boca. O lançador e eu olhamos um para o outro nos olhos. Ambos sorrimos. Eu agacho-me na posição de batedor e espero pelo lançamento seguinte. É uma bola rápida que me bate na perna. Os meus colegas aplaudem como se eu tivesse feito algo espantoso. Coxeio até à primeira base e sou imediatamente substituído por outro corredor.

Nas três semanas que se seguem, perco duas bolas altas com o sol, atiro fora quatro vezes e sou apanhado na segunda base. Por isso, estou geralmente mais contente quando estou sentado no banco a vincar a pala do boné. O treinador adjunto diz-me que só preciso de um pouco de experiência. Diz-me para manter o olho na bola aconteça o que acontecer. Eu conto-lhe do sistema de rega automática no campo direito e ele só acena. Diz-me que estamos a distrair-nos do essencial. O essencial é que eu mantenha os olhos na bola aconteça o que acontecer. Quando passa a carrinha dos gelados, dá-me um dólar e diz-me para lhe comprar um cone e um sorvete.

No fim da época a minha mãe diz-me que é só um jogo. Diz que muitos grandes homens nunca foram bons atletas.

Passam nove meses. Durante esse tempo, o meu irmão ensina-me a bater e a defender. Além disso,

creço dois centímetros e sinto-me mais coordenado. É como magia.

O que é ainda mais mágico é que um mês depois do início da nova época da Liga Juvenil, estou a bater .400 e sou considerado um dos melhores jogadores. O meu treinador fala comigo frequentemente, diz-me o primeiro nome, apresenta-me à mulher e aos filhos, põe o braço à volta dos meus ombros, e diz-me que eu sou a estrela dele. Como estrela dele, o meu trabalho é conseguir duas batidas por jogo, recuperar os maus lançamentos dos outros, e ajudá-lo a ganhar o estandarte. Digo ao treinador que não gosto da mulher dele e que se ela vier a outro jogo em casa saio da equipa. Imediatamente, o meu treinador informa os guardas no portão que a mulher dele é agora persona non grata. Ainda de mau humor, falo com a imprensa e digo-lhes que não gosto de ter de me sentar no mesmo banco com jogadores que só batem .300. A minha reputação ressent-se e sou trocado com Cleveland por um lançador de substituição e um outro jogador medíocre. Em Cleveland, começo a sair muito com raparigas e sou trocado com Houston. Em Houston faço um voto de castidade e ganho a coroa dos batedores.

Agora tenho doze anos e estou prestes a atingir a reforma obrigatória. Em vez de lutar contra o sistema, decido sair calmamente. Sabe bem estar de volta ao sexto ano.

# POPULARIDADE



Algures dentro de mim, sabia que os rapazes de dez anos não deviam passar os recreios às voltas em torno dos carvalhos à procura de trevos de quatro folhas. Mesmo assim, era isso que eu e os meus conhecidos, os igualmente impopulares Allan Gold e Allan Shipman, fazíamos enquanto os nossos colegas de turma corriam uns atrás dos outros, jogavam à bola e se empurravam uns aos outros cada vez mais alto nos balouços.

Para além de termos todos uma dose maior do que a habitual de gordura de bebé, os dois Allans e eu tínhamos muito pouco em comum. Na verdade, mal podíamos uns com os outros. Apesar disso, éramos a única companhia uns dos outros durante o recreio, portanto tentávamos que corresse o melhor possível. De quando em quando, um de nós dobrava-se para a frente, apanhava um trevo, inspecionava-o, abanava a cabeça, e deixava o trevo cair ao chão.

- Apanhei um - disse o Allan Gold. . a - Deixa ver - disse o Allan Shipman.

O Allan mostrou ao Allan o trevo.

- Isso só tem três.

- Não, tem quatro. Olha aqui. Estás a ver?

- Isso não é uma folha inteira - disse o Allan Shipman num tom amargo. - Tem uma folha, duas folhas, três folhas.

- Quatro folhas!

- Isso não é uma folha inteira!

Já andávamos à procura de trevos de quatro folhas há seis meses, todos os dias escolares. E cada um de nós sabia exatamente o que faria se alguma vez encontrasse um: ia segurar o trevo da sorte firmemente na mão, fechar os olhos, e desejar ser tão popular que nunca mais tivesse de passar tempo com os outros outra vez.

- Apanhei um! - disse o Allan Shipman.

O Allan Gold arrancou-lhe o trevo das mãos.

- Uma, duas, três - disse enquanto atirava o trevo ao chão.

- Esse tinha quatro! Isso era um trevo de quatro folhas! Apanha-o!

- Apanha tu!

- Apanha tu! -Tu!

-Tu!

Enquanto os Allans se defrontavam, observava, do outro lado do alcatrão negro e asfalto do recinto, um grupo de rapazes que faziam mais barulho e pareciam estar a divertir-se mais do que qualquer outra pessoa no recreio. Estes eram os rapazes populares e no centro do grupo estava o seu líder, Sean Owens.

Sean Owens era o melhor aluno da quarta classe. Era também um dos mais humildes, mais atraentes, mais fortes, mais rápidos, mais perspicazes, de todos os rapazes de dez anos que Deus alguma vez pusera na Terra. O Sean Owens conseguia correr cinquenta metros em seis segundos, bater uma bola de basebol cem metros e pontapear uma bola de futebol uns quarenta metros. A única coisa que o Sean não tinha era personalidade. Não precisava de ter. Quando se consegue bater uma bola cem metros, tudo o que se tem de fazer é percorrer as bases e aguardar a adulação do mundo.

Olhei para o Sean e para o resto dos rapazes populares cheio de admiração e espanto. Parecia que



ainda ontem tínhamos brincado todos juntos a dar pontapés na bola, a fugir à bola e a jogar basquetebol; e então um dia tinha acordado e descoberto que esta feliz democracia havia degenerado numa monarquia de reis e rainhas, duques e duquesas, cavaleiros e damas. Não era preciso ser-se um génio para se perceber que, no continente que era o recinto do recreio, os dois Allans e eu éramos moços de estrebaria.

Eu tinha-me conformado à minha posição na hierarquia há já muitos meses, mas agora, ao olhar para os dois Allans (que ainda discutiam por causa do mesmo trevo de três folhas) e, de seguida, para os rapazes populares, tive a súbita revelação de que não aguentava outro dia no fundo queria fazer parte do barulho e do riso; queria, precisava de ser popular.

Como tinha dez anos, não pus esta ambição em causa, mas de facto perguntei-me como iria alguma vez conseguir concretizá-la. Embora estivesse a apenas vinte metros do coração do reino, sentia-me a mil milhas de distância do privilégio e prestígio dos seus cidadãos. Como poderia eu atravessar tamanho fosso, sabendo que podia ser olhado com desdém, que se podiam rir de mim, ou humilhar-me e que fosse um grão de poeira tão minúsculo que não podia ser visto a olho nu? De pé no recinto do recreio, apanhado entre o medo e a ambição, aqueles vinte metros começaram a fugir-me da vista, e eu percebi que tinha de dar agora um passo em frente ou retirar-me para todo o sempre, para uma vida de companheiros amargos e trevos de três folhas.

E então respirei fundo e, com grande trepidação, atravessei os vinte metros mais compridos que alguma vez tinha percorrido na vida e dei por mim a escassos centímetros do que esperava que fosse o meu destino. Baixei a cabeça um pouco, para não chamar a atenção sobre mim mesmo, e observei e ouvi.

Mitch Brockman, um cómico esguio, de rosto comprido, considerado por muitos o rapaz mais engraçado da quarta classe, estava a meio de uma história que tinha qualquer coisa a ver com Tijuana e uma carrinha de venda ambulante de cachorros. Não tinha bem a certeza de que tratava a história, mas havia muita gesticulação e insinuação, e a multidão parecia achar tudo aquilo absolutamente hilariante.

Reparei que de cada vez que o Mitch dizia alguma coisa cómica, olhava de relance para o Sean Owens, para ver se ele se estava a rir. E estava. Em silêncio. A boca dele estava aberta, mas era o riso dos outros rapazes que preenchia o silêncio. Compreendi então que o Mitch era o bobo da corte do Sean. Enquanto conseguisse fazer com que o Sean se risse, tinha assegurada uma posição de destaque no seio do grupo.

Pensei qual poderia ser a minha posição no grupo. Eu não era certamente um excelente atleta, grande aluno, ou bem sucedido com as raparigas, mas tinha de facto algum sentido de humor. Talvez pudesse vir a ser o segundo rapaz mais engraçado da quarta classe. Os meus pensamentos ficaram por ali porque tocou a campainha do fim do recreio. Mas nessa noite, mesmo antes de adormecer, imaginei-me no meio dos rapazes populares a contar as histórias mais cómicas que alguém já tinha ouvido. Vi o Sean Owens a torcer-se de riso. Vi-me triunfante.

Durante três dias, voltei para o grupo todos os recreios. Ficava de pé, sem ser visto, mesmo à beira do círculo exterior, à espera de que chegasse o meu momento, à espera da simples deixa ou anedota que me ia tornar popular. Sabia que teria apenas uma oportunidade para provar o meu valor e que se falhasse, seria enviado de volta para os estábulos. E assim, com a concentração exclusiva de um cientista, escutava as piadas que os outros rapazes faziam, na esperança de coordenar a minha sensibilidade cómica com as deles. De vez em quando, sentia-me à beira de dizer alguma coisa, mas, de cada vez que abria a boca para falar, o Mitch iniciava outra rotina cómica, e o meu momento passava e tinha de me conformar a mais um dia no escuro.

O que eu ainda não sabia então era que a popularidade tem um tempo de vida, e que o tempo do Mitch estava quase a acabar-se.

\*

É um triste facto da vida que as roupas que uma criança veste e a maneira como as veste são muitas vezes o que determina o lugar desta na sociedade escolar. Eu sabia isto, o Sean Owens sabia, toda a gente na escola sabia. Por isso, talvez fosse descuido, ou loucura passageira ou um desejo subconsciente de voltar ao espaço livre de tensão à sombra do anonimato que levou o Mitch Brockman a envergar uma camisa amarela com umas calças amarelas. Talvez tivesse conseguido fazê-lo impunemente, se eu não tivesse saído de casa naquele dia sem reparar que uma das dobras das minhas calças de ganga estava manifestamente mais baixa que a outra. Com este estado de coisas, nós estávamos lançados numa rota de colisão à qual apenas um de nós podia sobreviver.

Naquele dia fatídico, durante o recreio, ocupei o meu lugar habitual a uns dez centímetros dos rapazes populares (a pensar se algum dia teria o ensejo de provar o meu valor) e ouvi enquanto o Mitch contava outra versão da história da carrinha dos cachorros. Fingi gostar tanto da história como os restantes, enquanto os meus pensamentos erravam até um mundo de sonho onde não me sentia deslocado e o Mitch e o Sean e eu éramos grandes amigos. E então, de um modo inesperado que me trouxe subitamente de volta à realidade, o Mitch Brockman, um rapaz que nunca tinha reparado em mim, que nunca parecera saber ou querer saber que eu estava vivo, virou-se para mim, apontou para as minhas calças desniveladas, e disse:

- Alguém precisa de uma régua.

Este era provavelmente, o comentário mais espirituoso que ele alguma vez tinha emitido, e eu congelei. Com cinco palavras, ele tinha arrasado todas as minhas aspirações, tinha-me definido como um parvo, e tinha praticamente passado a sentença que me condenava a uma vida de vergonha e obscuridade. Eu via o meu futuro, a minha própria infância, a desfazer-se em pó. Enquanto ouvia o riso e sentia o calor da luz de palco apontada à minha pessoa, apontei para as calças e camisa amarelas do Mitch e disse:

- E alguém precisa de um espelho. Pareces um canário. E então, com toda a graciosidade de um assistente de prestidigitador, levantei o braço numa atitude de apresentação, e disse:

- Senhores, apresento-vos o Piu-piu.

E estava tudo terminado. A medida que o volume das gargalhadas ia aumentando, o Mitch parecia desaparecer e, nesse dia, nesse recreio, o riso do Sean foi ouvido pela primeira vez. Num instante, o Mitch Brockman transformou-se no Piu-piu e eu, um ser absolutamente insignificante, transformei-me em alguém. E depois em alguém especial. Alguém a quem seguir. O primeiro bobo da corte do Sean Owen e o seu melhor amigo. A transformação toda demorou apenas uns meses a estar completa.

Durante esse tempo, o Mitch tornou-se numa parte cada vez menos vocal do grupo, contando cada vez menos histórias, até que finalmente, no ano seguinte, se tinha ido embora - para outra escola, ou outro estado, ou outro país. Nunca soube. Ninguém soube porque ninguém reparou - há meses que ninguém lhe telefonava. Mas o meu telefone tocava. Os meus fins-de-semana estavam preenchidos com festas de pijama e jogos de basebol e bowling e corridas de bicicleta e mais amigos novos do que tinha tempo para ter.

E eu não confiava em nenhum deles, porque agora sabia que estava em areia movediça e que estava a apenas umas calças e uma camisa amarelas de distância dos carvalhos onde os dois Allans ainda procuravam trevos de quatro folhas.



# O NAMORO



A Linda Lieban era uma artista, um espírito livre, uma boémia que tocava flauta no parque, desenhava cavalos alados e ninfas nuas e assinava os desenhos com sangue que obtinha do seu próprio dedo picado. Era alguém que, todos sabíamos, estava destinado que fosse para Nova Iorque, dançasse em cima de mesas, posasse nua para artistas em início de carreira e incitasse as massas à rebelião.

Um dia, não sei porquê, sorriu-me durante a aula de artes visuais. Depois de eu lhe ter passado um bilhete a perguntar porquê, ela passou-me um bilhete a dizer que eu sabia porquê, e eu passei-lhe um bilhete a dizer que não sabia mesmo, e ela passou-me um bilhete a dizer para eu adivinhar, e eu passei-lhe um bilhete a perguntar se ela gostava de mim, e ela passou-me um bilhete com um coração que dizia «Sim!»

Portanto, a Linda Lieban, uma das raparigas mais bonitas do sétimo ano, gostava de mim. Eu estava tremendamente orgulhoso da minha conquista, embora não fizesse tentações de fazer alguma coisa, em parte porque ela me assustava e em parte porque, naqueles dias, tinha a ambição de colecionar tantos corações femininos quantos pudesse sem comprometer o meu próprio coração a nenhum deles em particular.

Infelizmente, durante o intervalo, o Greg Ransohoff mencionou que tinha uma paixoneta pela Linda e eu mencionei que podia namorar com ela quando quisesse.

- Pois, pois - disse ele.

- Queres apostar? - disse eu.

- Quanto?

- Um dólar.

- Está bem - disse ele. - A Linda está ali. Vai lá e pede-lhe namoro.

Portanto fui ter com a Linda e perguntei-lhe se ela queria namorar comigo. Ela disse que sim, claro, mas antes que ela me pudesse beijar ou dar-me a mão, eu voltei para o pé do Greg e disse:

- Ela disse que sim. Dá me um dólar.

E agora namorava com a Linda Lieban, o que significava que ia ter que lhe telefonar todas as noites, deitar-lhe olhares românticos durante as aulas, parar de me meter com as outras raparigas, escrever cartas românticas assinadas com um coração, acartar os livros dela, defendê-la se fosse preciso, e de um modo geral deixar de ser eu. Ainda por cima, a Linda era uma rapariga que, embora muito amável, estava à procura de alguém para amar de uma maneira que lembrava muito uma boa constritora à procura de um porco pequeno ou de uma coruja para engolir.

Nessa noite, telefonei-lhe e fiz o que pude por parecer o mais dócil e apaixonado possível. Este efeito foi conseguido através do expediente de baixar a voz uns oitavos e sussurrar como se tivesse laringite. Após meia hora de conversa, ela perguntou-me se eu a amava, e eu disse:

- Sim, claro.

Ela disse:

-Quanto?

E eu respondi:

- Muito.

E ela disse:

- Eu amo-te mais.

E eu disse:

- Não amas nada.

E ela disse:

- Amo, sim.

E eu disse:

- Não, não.

E ela deu uma risadinha, e eu dei uma risadinha, e ela desligou, e eu senti-me um pouco agoniado.

No dia seguinte durante o recreio ela veio ter comigo com um ar tímido e as mãos atrás das costas, deu-me um beijo, disse «Olá, amor» e deu-me um pequeno unicórnio branco com brilhos prateados no corno, cauda, crina e cascos. Ela deu-mo para a mão como se fosse uma bola assinada pelo Willie Mays e eu aceitei-o como se fosse uma maçã envenenada.

- Sabes o que quer dizer? - perguntou ela.

- Não - disse eu, e foi a primeira coisa honesta que lhe dizia desde que a tinha pedido em namoro.

- Quer dizer que eu te amo.

- Ah - disse eu, tentando pôr um ar grato e comovido. Então tocou a campainha do fim do recreio, e ela deu-

-me um beijo e fomos juntos de braço dado para a aula seguinte.

Durante a aula de matemática ela passou-me um bilhete coberto de corações vermelhos e eu olhei para ela, e ela mandou-me um beijo pelo ar, e eu lá consegui sorrir e beijar o ar, e a Sr.a Fine disse:

- William, se vais estar ocupado com a tua namorada, podes fazê-lo no gabinete do vice-diretor.

Evidentemente, falámos ao telefone nessa noite:

- Olá amor - disse ela.

- Olá - disse eu na minha voz de barítono rouco.

- Tens saudades minhas?

- Tenho.

- Vem cá ter.

- Agora?

- Agora mesmo.

- São nove da noite, Linda.

- E depois? Sai às escondidas.

- Não posso sair às escondidas.

- Sai agora e atira-me uma pedrinha à janela.

Eu dei uma risada nervosa.

- Então saio eu às escondidas e vou atirar uma pedrinha à tua janela.

Era esta a Linda de quem eu tinha medo. Aqui estava a boémia, a livre pensadora Linda, que era capaz de vir até minha casa, atirar uma pedra à minha janela, assustar os meus pais e arruinar a minha vida.

- Não, não - disse eu. - Vamos antes dormir e pensar um no outro.

- Eu já estou a pensar em ti agora.

- É diferente quando se está na cama. Finge que estamos deitados juntos debaixo de um céu estrelado.

- No Oregon?

- Está bem, no Oregon.

- Amo-te muito, amor - disse ela

- Eu também te amo - disse eu.
- Não me amas tanto como eu te amo a ti.
- Amo, sim.
- Não amas nada.
- Amo, pois.
- Não, não amas.

Depois ela deu uma risadinha, e eu dei uma risadinha, e ela desligou, e eu senti-me outra vez agoniado.

As coisas continuaram assim durante quatro dias. No final do quarto dia, eu sabia que tinha de acabar o namoro. Estava cansado de tanto arrulhar, de beijar o ar e de acartar os livros dela. Também estava cansado de fazer ar de apaixonado e dócil e satisfeito. E também sabia que uma noite destas, ela ia mesmo atirar-me uma pedrinha à janela, e que se fingisse que estava a dormir ela atirava uma pedra e o Sam, o nosso cão, ia ladrar, e os meus pais iam acordar e as portas do Inferno se iam abrir.

Na sexta-feira ela perguntou-me se eu ia à festa do Chris Block no sábado à noite.

- Eu nem sabia que ele ia dar uma festa - disse eu.
- Ele mandou o nosso convite para minha casa.
- O nosso convite?
- Sim, sim.

Nessa noite decidi que ia acabar com ela na festa do Chris Block.

- Linda - disse ao espelho -, isto não está a funcionar. Nós somos duas pessoas diferentes e queremos coisas diferentes.

- Linda - disse -, por vezes há pessoas que, mesmo que se amem, não podem ficar juntas.

- Linda - disse -, vamos romper o namoro ... Acho que chegou a altura de rompermos o namoro ... vamos fazer um favor a nós próprios e acabar o namoro.

E dissesse o que dissesse, a minha Linda imaginária sorria, dizia-me que compreendia e saía feliz da minha vida.

Na noite da festa sentia-me mais feliz do que me tinha sentido a semana toda. Decidi que não ia perder tempo. Mal chegasse à festa, ia puxar a Linda à parte, explicar a situação com a maior meiguice possível, beijá-la na bochecha e gozar a minha liberdade.

Infelizmente, não funcionou bem assim, porque mal tinha chegado à festa, já a Linda tinha vindo a correr ter comigo, tirado um pedaço de cotão do meu casaco e dito que eu estava com um ar delicioso e que tinha tido saudades minhas o dia todo. Ia começar a dizer:

- Linda, às vezes há pessoas que, mesmo que se ...
- Anda - disse ela, e levou-me para a sala do Chris onde estavam todos a dançar e disse: - Vamos dançar.

Portanto, dançámos. Para ser totalmente honesto, devo dizer que me sentia muito bem com ela nos meus braços e que, por um breve instante, cheguei a estar feliz de a ter para mim. Quando a música acabou, porém, lembrei-me de que tinha de reconquistar a minha liberdade e disse:

- Linda, tenho de falar contigo.

Conduzi-a ao jardim das traseiras, para além das roseiras e até à piscina. Sentei-a na prancha de mergulho, respirei fundo, e olhei para ela.

- Linda - comecei. – Amor ...

Ela sorriu.

- Tenho de te dizer uma coisa.

Ela olhou-me confiantemente nos olhos.

- Amo-te - disse eu.
- Eu também te amo. Era isso que me querias dizer?
- Era - disse eu. - Era só isso. Vamos voltar para a festa.
- Compraste o anel?

Eu tinha prometido que lhe comprava um anel.

- Encomendei-o - disse-lhe -, sim.
- Que tipo de anel?
- De ouro - disse eu.

Ela sorriu, levantou-se e beijou-me. Depois voltámos à festa. Dez minutos passados, depois de um sbw, um copo de ponche, e intermináveis meiguices e nomes carinhosos, pedi-lhe para vir lá fora comigo outra vez. Estava decidido a conseguir desta vez, decidido a sentá-la, dizer o que tinha a dizer, e recuperar a minha liberdade. Portanto dei-lhe a mão, levei-a até à prancha de mergulho, sentei-a e, após algumas falsas partidas, disse-lhe que a amava mais uma vez e acompanhei-a de volta à festa.

Sabia que isto não podia continuar. Um verdadeiro homem, sabia, era capaz de olhar uma rapariga no olho, dizer o que tinha a dizer, e ir-se embora. A um verdadeiro homem não se puxavam os cordelinhos, não era propriedade de ninguém. Eu tinha só e simplesmente que levar a Linda lá para fora, sentá-la e acabar com isto.

Portanto fui ter com ela, olhei-a nos olhos e disse:

- Tenho de falar contigo.
- Outra vez?
- É sobre o anel - disse eu. Portanto, mais uma vez fizemos o passeio pelo jardim, passando pelas roseiras, até à prancha de mergulho.
- Linda - disse eu -, como é que te sentes?
- Ótima - disse ela.
- Feliz?
- Sim.
- Tens a certeza?
- O que é que queres dizer?
- Não te sentes assim como se alguma coisa estivesse errada ... como se talvez pudesses ser mais feliz, ou eu pudesse ser mais feliz?

Neste momento, a cara dela mudou. Eu estava quase a dizer-lhe que a amava outra vez e a levá-la de volta para a festa, mas sabia que esta era a última hipótese que tinha de provar a mim próprio que tinha carácter e espinha dorsal.

- Não - disse ela. - Tu sentes?
- Acho que sim - disse eu. E depois, porque isso me soava demasiado frouxo e indeciso, acrescentei:
- Sim. Sim, sinto. Quero acabar o namoro.

Tinha-me preparado para pelo menos uma dúzia de perguntas, mas ela não disse uma única palavra. Limitou-se a olhar para mim. Depois, os olhos dela encheram-se de lágrimas e ela voltou a correr para a festa.

Gostaria de poder dizer que fui a correr atrás dela, mas não fui. Gostaria de dizer que a abracei e reforcei até que parasse de chorar, mas também não fiz isso. Gostaria de dizer que nos separámos nessa noite com um entendimento caloroso e duradouro e que ainda hoje somos amigos, mas não o fizemos, e não somos.

O que na verdade fiz foi ficar a vê-la correr para dentro da casa. Depois sorri. Sorri porque tinha sido firme - porque tinha tido a força e o carácter para olhar uma rapariga nos olhos e acabar um namoro com ela. Estava de tal modo orgulhoso do meu sucesso, de tal modo certo do meu irresistível poder de atracção sobre as mulheres, que passados dez minutos voltei à festa, encontrei a Eileen Weizman e pedi-lhe namoro.



# TEMPO



Ele sempre soubera tudo sobre o tempo. O tempo, diziam-lhe, voa. O tempo vem e o tempo vai. O tempo não espera por ninguém. E de facto ele já não estava na primeira classe, e agora sabia escrever e gostava de raparigas e já não conseguia imitar bem a voz da irmã ao telefone. Dessa parte ele gostava

A parte de que ele não gostava, deitado na cama numa noite de Outubro, era a parte sobre o irmão. O tempo ia mandar o irmão embora para a universidade, para longe de casa, embora deste quarto, embora da vida que tinham juntos. Mais cedo ou mais tarde, o tempo ia dar ao irmão duas malas e um bilhete de avião e mandá-lo embora para longe. Não interessava que o irmão ainda só tivesse dezasseis anos e que ainda faltassem dois anos para a universidade. Dois anos podiam ser dois minutos no que tocava ao tempo.

Virou-se outra vez e tentou dormir. O relógio dizia que eram dez e meia. Lá fora, a noite estava fresca, parada e silenciosa, e ele ouvia o respirar ritmado do irmão a dormir na cama ao lado da dele. Queria que começasse a chover e que o ribombar de um trovão acordasse o irmão, e o irmão veria como ele estava derreado, e perguntar-lhe-ia o que tinha. Ele sabia que então ia começar a chorar, mas não se importava. Diria ao irmão que não queria que ele se fosse embora. Dir-lhe-ia para não tirar as roupas todas do armário e não as pôr numa mala porque sabia que se ele fizesse isso nunca mais poderia pôr as roupas de volta.

Tinha o coração doente de dor e nostalgia e desgosto e da consciência de que até este momento estava condenado a passar. Queria pôr os braços à volta do irmão e segurá-lo contra o tempo. Queria pôr os braços em volta dele e dizer-lhe que o amava mais do que qualquer outra coisa no mundo, mesmo que isso não fizesse sentido de manhã, mesmo que a luz viesse apesar do que pudesse dizer, sem se importar com a força com que ele abraçava o irmão. E a luz havia de os encontrar a mover-se em paralelo com o tempo, impotentes, passo a passo, não importa o quê. E em breve também ele iria para a universidade - de coração dorido, com patilhas e pêlos debaixo dos braços ... e o pai, agora poderoso, haveria de cair; e a mãe, agora encantadora, haveria de murchar.

- Skip? - disse ele à escuridão - Skip? .

O irmão fungou e virou-se para o lado a dormir.

- Skip? disse ele mais alto.

O irmão estremeceu, levantou a cabeça, e olhou em volta.

- O que é? - murmurou - O que é, Will ?

# VIDA E OBRA



Por esta altura, sou um dos rapazes mais populares do oitavo ano. Há um ano atrás, era o rapaz mais popular mas os tempos e os gostos mudaram, e agora há novas caras para seguir, e novos sítios para onde ser conduzido. Tenho sentido o palco a girar nos últimos seis ou sete meses, mas em vez de correr atrás do foco de luz errante, pretendo passar para as sombras tão orgulhosa e discretamente quanto possível. Ainda assim, como um político idoso cuja reputação sobreviveu ao poder real que tinha, continuo a ser alguém que se deve conhecer, alguém com quem se deve ser visto e, sem dúvida, alguém que se deve ver a ser batido numa briga:

# A BRIGA



Começou com um jogo de basquetebol. O Mike Dichter e eu saltámos para a mesma bola de ressalto e eu enfiei o cotovelo no peito dele sem querer. Então o Mike enfiou o cotovelo dele no meu peito, apontou-me um dedo, e disse-me para ter cuidado. Naquele tempo, eu tinha uma reputação de duro que tinha de manter, portanto disse-lhe que era melhor que ele tivesse cuidado, e no próximo ressalto, nenhum dos dois teve cuidado e ambos apanhamos com cotovelos no peito. Depois começámos a empurrarmos um ao outro debaixo do cesto e a apontar dedos e a fazer ares ameaçadores, o que, por mim, estava ótimo, porque parecer ameaçador era uma das coisas que fazia melhor.

Antes que as coisas pudessem passar das marcas, porém, a aula de ginástica acabou, e o Mike e eu encaramo-nos por um momento e voltámos para as nossas respectivas salas de estudo.

Provavelmente, as coisas teriam acabado por se tornar mais pacíficas se não fosse o facto de eu ter ido até casa com o Kevin Cox e lhe ter dito que da próxima vez que o Kevin e eu jogássemos basquetebol, eu ia mesmo dar umas cotoveladas e que se ele, Mike, não gostasse, lutava com ele a qualquer hora e em qualquer lado. Não sei porque foi que disse isto. Talvez estivesse a pensar no Mike que conhecia há um ano atrás. Talvez estivesse a pensar no Mike magro, crédulo e bem humorado, que entretanto tinha crescido dez centímetros, tinha ganho sete quilos, e tinha-se tornado tão sisudo e ameaçador como um sargento.

O Kevin olhava-me com um ar de dúvida.

- Achas mesmo que lhe podes ganhar? - perguntou ele.

Uma vez que o Kevin sempre fora um dos meus seguidores mais leais e servis, fiquei estarecido com o facto de ele duvidar da minha capacidade física.

- Eu sei que posso ganhar-lhe.

- Ele tem mais dez centímetros do que tu - disse o Kevin.

- E daí?

- Ele é muito forte.

- Eu sou muito forte.

O Kevin encolheu os ombros.

- Está bem - disse ele - mas eu acho que o Mike te podia ganhar a ti.

Agora era a minha vez de encolher os ombros. Era também a minha vez de pousar uma mão condescendente sobre o ombro dele e deixá-lo a contemplar as suas noções absurdas e traiçoeiras.

No dia a seguir na escola, tudo correu como habitualmente. Ouvi os professores, tirei apontamentos, adormeci, fiz alguns comentários desnecessários, e espreitei as pernas da Denise Young.

Durante o almoço, estava sentado com uma mesa cheia de amigos, a falar e a ouvir com a minha superioridade habitual, quando ouvi o Mike Dichter dizer:

- Olha, pázinho.

Por alguma razão, sabia que ele estava a falar comigo. Também sabia que estava tudo a mexer e que algo tremendo estava prestes a acontecer. Virei-me para o encarar.

- Ouvi dizer que queres uma luta comigo - disse ele,

- É verdade - disse eu.

- Encontramo-nos depois das aulas.

- Lá estarei - disse eu. Depois afastou-se e eu descobri duas coisas interessantes

sobre mim. A primeira era que a ideia da luta me aterrorizava, e a segunda era que em momentos de pânico intenso o meu corpo produzia suor gelado.

Alguém me disse alguma coisa, e eu sorri e acenei. Alguém disse mais qualquer coisa, e eu sorri e acenei em resposta a isso também. Talvez me estivessem a dar conselhos. Talvez me estivessem a dizer para ficar de cabeça baixa e para bater com a esquerda. Eu levantei-me, sem que realmente soubesse que me estava a levantar, e saí da cantina para o recinto do recreio. Nunca na vida me tinha sentido tão sozinho ou tão abandonado. Sem saber como, tinha tomado um caminho errado e fora dar ao dia errado, no corpo errado, com o futuro errado. Não sabia como, daí a três horas ia haver uma luta a sério com punhos a sério, e não havia maneira de lhe escapar.

O meu maior problema, sabia, era que não odiava o Mike, nem sequer não gostava dele. Não tinha nenhum instinto animal de fúria que me fizesse das mãos punhos e os impelisse à cação - nenhuma inveja ou rancor profundo e reprimido que me empurrasse contra o Mike com o fito de o destruir. Tudo o que tinha era medo e orgulho, que é uma combinação paupérrima no que toca a lutas, porque tudo o que o orgulho podia fazer era garantir que eu aparecia para a luta, e tudo o que o medo podia fazer era garantir que eu a perdia.

O resto do dia passou num esfumar de expectativa e temor. Sentei-me nas aulas, um modelo silencioso, sorridente e oco do antigo eu, e tentei parecer o mais despreocupado e seguro possível. De quando em quando olhava para o relógio na parede e apercebia-me de que a luta estava a apenas uma hora e quarenta e nove minutos de distância - uma hora e quarenta minutos ... Tentei convencer-me que talvez fosse uma luta de um murro ou dois, que talvez o Mike me desse um murro, e eu desse um murro, e ambos sorríssemos e nos atirássemos para os braços um do outro e ficássemos amigos para toda a vida. Mas eu sabia que não ia ser uma luta de um murro ou dois. Não. Ia ser uma luta até um qualquer limite extremo e horrível - uma luta até à perda de consciência, até à hospitalização, ou até à cirurgia de reconstrução.

No caminho entre aulas, descobri que a maior parte do oitavo ano tinha tomado partido, e que o meu partido era eu, um estudante do programa de permutas com o estrangeiro chamado Hans, e duas raparigas cujos corações eu ainda não tinha partido. O resto dos meus colegas estava em massa do lado do Mike, ansiosos por me verem reduzido à minha insignificância de uma vez por todas.

A última aula do dia era mecânica. O nosso professor, o Sr. Bledsoe, disse-nos a todos para trabalharmos nos nossos projetos especiais. O meu projeto especial era uma prancha de skate, portanto comecei a lixar-lhe as pontas e a tentar com todas as forças não pensar na luta. Dizem que não há nada como trabalhar com madeira para nos fazer abstrair de um problema, mas pode ser que não haja nada como um problema para nos fazer abstrair do trabalho com a madeira. Por muito intensamente que limasse as arestas da minha prancha, a luta estava sempre comigo, e o ar à minha volta parecia tão rarefeito como o ar dos Alpes ou dos Himalaias.

Tentei lembrar-me que daqui a três horas tudo isto teria acabado, que estaria em casa, no meu quarto, e que a luta seria apenas uma memória. Mas três horas não seriam suficientes se eu perdesse a luta. Um mês não seria suficiente para sarar a minha humilhação. O que é que seria suficiente?, perguntei a mim próprio. Seis meses? Não. Um ano? Sim. Um ano seria bastante. Daqui a um ano, seria capaz de olhar para este dia e sorrir, ou talvez até rir. Daqui a um ano a luta seria uma memória distante e eu seria uma pessoa diferente com amigos diferentes e novas razões para me sentir seguro e orgulhoso.

Por isso fechei os olhos e pedi a Deus que por favor fizesse com que fosse um ano depois - por favor, que me tirasse deste ano e me pusesse no próximo. De olhos fechados quase acreditei que o tempo estava a correr à minha volta, que havia ovos a ser postos, pintos a sair da casca, a engordar, a pôr os seus próprios ovos, e a morrer.

Infelizmente, mal abri os olhos soube que ainda tinha treze anos, ainda estava na aula de mecânica e que a luta ainda estava por lutar. Mesmo assim, agradei a Deus, pensando que devia ter dito a oração errada, olhei para o relógio e vi que já só tinha mais dez minutos. Nem sequer tentei limar a minha prancha naqueles últimos dez minutos. Em vez disso, entrei num agradável estado de animação suspensa no qual não havia alegria nem medo, nem orgulho, nem remorso. Durante este tempo, a minha pulsação e a minha respiração diminuíram, o sangue nas minhas veias abrandou até quase parar, e penso que devo ter parado de envelhecer.

E então a campainha tocou, e o meu tempo tinha acabado.

Íamos encontrar-nos em frente à escola. Quando lá cheguei, vi um grupo de cinquenta ou sessenta pessoas à espera de me ver chegar. Noutras circunstâncias, teria ficado contente com a afluência, mas a situação desesperada em que me encontrava quebrava qualquer ânimo teatral que pudesse ter sentido. Mas ainda assim, sorri. Afinal de contas, eu era a outra metade do programa, e não estava nem por nada disposto a parecer moroso ou assustado ou penitente.

Vi o Mike Dichter de pé a cinco ou sete metros de mim, com um ar mais assustador do que alguma vez tivera. Fixou o olhar sobre mim durante um momento, depois beijou a namorada, Linda Lieban. Eu tinha cometido o erro de acabar com a Linda dez meses antes. Agora, enquanto o Mike a beijava, ela olhava-me como se esperasse a vingança dentro em breve.

E então, antes que eu tivesse tempo de pensar, alguém disse:

- Vamos embora.

E todos começaram a encaminhar-se para o parque que ficava a dois quarteirões dali. Estranhamente, não me sentia como um rapaz a caminho de uma luta, mas como um rei a caminho da masmorra. Estes que me rodeavam não eram os meus colegas, mas sim camponeses revoltados. A minha mulher já tinha sido degolada, os meus filhos vendidos por cavalos, os meus servos libertados.

Tentei ver as coisas com clareza, tentei lembrar-me de que era só uma luta e que perder não era nenhuma desgraça. E que talvez não perdesse. Talvez fosse uma daquelas pessoas que desconhece a força que tem até se ver em confronto. Talvez quando estivesse a enfrentar o Mike, algum instinto primordial me impelisse para a garganta dele e me desse a força de dez homens. O meu pai era, em certas alturas, um dos homens mais poderosos e assustadores que eu conhecia. Até àquele momento, tudo o que pensava ter herdado dele era o orgulho e o nariz, mas talvez quando estivesse cara-a-cara com o Mike Dichter descobrisse que tinha herdado a fúria cega e o coração de leão também. Quando chegámos ao parque, houve um curto debate sobre as regras da luta. Primeiro decidiu-se que não deviam ser permitidos pontapés e dentadas, depois que os pontapés deviam ser permitidos, mas os arranhões não. Enquanto isto, eu estava encostado a um chafariz de pedra, a respirar devagar e a pensar quando é que o sangue do meu pai, e do pai dele e do pai do pai dele se ia mostrar. Continuava a não conseguir invocar fúria, ou raiva ou indignação suficientes para me fazerem querer atacar o Mike, ou qualquer outra pessoa. Apenas me restava a esperança de que talvez estivesse a sentir essas coisas subconscientemente e estivesse apenas a aguardar o momento certo.

- Uma luta é uma luta - ouvi alguém dizer. - Nada de regras da tanga.

A moção foi considerada, e depois aprovada: Tudo era (permitido. Nada de regras da tanga.

- Devemos tirar as camisas? - perguntei, na esperança de adiar as coisas mais um pouco.

- Façam como quiserem.

E com isto, estavam tomadas todas as decisões e não havia mais nada para eu e o Mike fazermos senão virarmo-nos um para o outro e lutarmos. O Tim Hamilton, o nosso árbitro, conduziu-nos a uma clareira e disse-nos para apertarmos as mãos e lutarmos quando estivéssemos prontos. Durante um momento, o Mike e eu limitamo-nos a olhar um para o outro. Depois o Mike agachou-se um bocado,

não sei porquê, e começou a andar à minha volta. Eu sabia que devia avançar e atacar imediatamente, mas estava colado ao lugar onde estava..

- Lutem! - disse alguém.

E agora o Mike começou a avançar e a dar pontapés ao estilo do karaté. Os pontapés, para além de servirem para demonstrar a sua tremenda habilidade para pontapear, eram uma excelente arma defensiva e ofensiva. Para conseguir chegar ao Mike, teria de encontrar maneira de contornar os pontapés, e para conseguir fazer isso, teria de ser alguém que soubesse lutar. A única opção que me restava, portanto, era fazer um ar despreocupado e recuar. O Mike, contudo, avançava sem parar, o que significava que ou eu continuava a recuar até chegar à paragem de autocarro em Santa Monica Boulevard, ou aguentava firme e via o que acontecia. O orgulho exigiu que escolhesse este último, mesmo a tempo de o Mike me acertar um pontapé na coxa. Virei-me de lado de modo a constituir um alvo mais fino, dobrei um pouco os joelhos, e levei um valente pontapé nas costelas.

E então tudo começou a acontecer muito depressa. Num instante, o Mike estava em cima de mim, e as minhas pernas deram de si, e estávamos a combater no chão. Numa tentativa de provar que era capaz de um jogo tão sujo como qualquer outra pessoa, agarrei-lhe ao de leve na virilha e descobri que não tinha vontade nem força para apertar.

- Então é assim que queres fazer isto? - disse o Mike, e agarrou na minha virilha muito menos ao de leve e empurrou-me até ficar em cima de mim.

Não sei como, consegui sair de debaixo dele, e seguiu-se uma grande quantidade de pontapés, empurrões, arranhadelas e murros, enquanto a multidão gritava que eu ou o Mike devíamos fazer qualquer coisa que não cheguei a ouvir. Depois vi sangue na minha camisa e pensei quem estaria a sangrar. Antes que conseguisse descobrir, o Mike estava em cima de mim e os meus braços estavam presos debaixo dos joelhos dele e ele estava a bater-me com muita força na cara. Curiosamente, eu mal sentia os murros. Tudo o que sentia era o impacto abafado dos golpes, e tudo o que ouvia era a multidão a gritar e a chamar, juntamente com o tum, tum, tum, do punho a bater na bochecha, na orelha, no queixo, na testa e ocasionalmente na boca. Por alguma razão estava muito relaxado. Talvez porque soubesse que só estava a ter o que merecia. Afinal de contas, tinha gozado a minha própria glória e egoísmo durante três anos. A conta teria de ser paga algum dia.

- Mata-o! - ouvi gritar a Linda Lieban - Mata-o!

Portanto o Mike levantou o braço e bateu-me no lado da cabeça com o murro mais forte que até agora tinha dado.

- Concedes?

Eu abanei a cabeça.

- Está bem - disse ele, e levantou o braço para me matar outra vez. Repetiu isto umas oito ou nove vezes e depois de cada murro dizia:

- Concedes? E eu dizia:

- Não - ou abanava a cabeça e ele levantava novamente o braço.

E então, por um momento, senti que já chegava. Por um breve momento, o sangue do meu pai, e do pai dele, e do pai do pai dele levantou-se dentro de mim e pus as mãos por baixo dos joelhos do Mike, levantei-o no ar e mantive-o nessa posição e atirei-o para longe de mim. A multidão perdeu o fôlego, e, por um instante, o Mike pareceu surpreendido, e mesmo assustado. Levantei-me muito direito, à altura do meu orgulho e dignidade, mas não sabia o que fazer a seguir. Não tinha mais vontade de lutar agora do que tivera antes; e o momento passou, e a minha fúria acalmou e, de repente, o Mike estava em cima de mim a recomeçar onde tinha parado.

Pouco depois já não conseguia distinguir um soco do outro, e as minhas orelhas ardiam, e os ruídos à

minha volta pareciam emanar da ponta distante de um tubo oco. Distinguia umas caras de passagem, mas não conseguia distinguir amigos, ou antigos amigos - apenas via uma multidão, e apenas ouvia o barulho de uma multidão. Sabia que estava tudo acabado - os bilhetes amorosos, as chamadas telefônicas, a inveja e a adulação. Cada murro roubava-me mais um amigo, mais um coração, mais um seguidor. Daqui para a frente, seria só eu e a minha televisão, e as minhas recordações de glória. Agora, uma por uma, as luzes apagavam-se no meu cérebro, e as pernas do Mike estavam à volta do meu estômago e eu não conseguia respirar.

- Concedes? - disse ele. “. Eu abanei a cabeça.

Ele apertou mais as pernas.

- Concedes?

Porque não? disse a última luz no meu cérebro. Tudo o que lhe estou a conceder é a luta. Portanto concedi: dei-lhe a luta, os bilhetes amorosos, as chamadas telefônicas, a inveja, a adulação e o fantasma arrogante da pessoa que tinha sido.

Por um instante, senti-me muito leve, quase a flutuar.

Estava a trabalhar com o meu irmão nas vinhas do meu pai em Fresno e já não ia à casa de banho há seis dias. No primeiro dia não me importei nada. No segundo dia, importei-me um pouco mais e comecei a comer ameixas secas. No terceiro dia comi cerejas, maçãs, alperces e ameixas secas. No quarto dia, bebi dois litros de sumo de ameixa seca e duas colheres de leite de magnésio. No quinto dia comi duas sanduíches de manteiga de amendoim, metade de um bolo da Sara Lee, e doze bolas-de-berlim. Na manhã do sexto dia, sentia-me mole, irritadiço, inchado e ansioso. Tinha ouvido falar de elefantes velhos que se deslocavam a grutas próximas para morrer com dignidade e tudo o que me apetecia fazer agora era encontrar uma dessas grutas e morrer com os elefantes. O meu irmão reparou que eu não tinha um ar normal, e perguntou-me o que tinha.

- Não consigo ir à casa de banho - disse eu.

- Há quanto tempo?

- Seis dias.

- Já tentaste comer fruta? Assenti.

- Sumo de ameixas secas?

- Tudo.

- Leite de magnésio?

- Tudo!

- Talvez devêssemos telefonar ao Papá.

Por um instante, fui banhado por uma sensação de alívio e, pela primeira vez em quatro dias, sorri. Sorri porque sabia que o Papá, para além de ser o nosso pai, era também uma luz ao fundo do túnel, um reverso de medalha, e a madrugada de uma noite escura. Num piscar de olhos, sabia, o meu problema estaria resolvido e eu podia voltar a enfrentar os meus verdadeiros problemas, que na altura eram egoísmo, inércia, e uma tendência para sonhar acordado.

Portanto o meu irmão telefonou ao Papá, contou-lhe do meu problema, e escreveu os conselhos dele numa folha de papel. O conselho dele era O.P.V.

- O que é isso de O.P.V.? - perguntei.

- É um laxante. Ele diz para tomares uma colher de chá disso e ficas ótimo.

La perguntar porque era que nunca tinha ouvido falar de O.P.V. se era tão bom, mas mordi a língua. Se nunca tinha ouvido falar de O.P.V., era só porque o O.P.V. era tão especial que só uns poucos homens extraordinários como o meu pai estavam a par da sua existência.

Portanto, metemo-nos no carro e fomos à farmácia mais próxima à procura de O.P.V. Três farmácias depois, encontrámos uma caixa poeirenta numa prateleira baixa ao lado de várias marcas obscuras e igualmente poeirentas de pasta de dentes. A caixa não dizia nada para além de O.P.V. Não fazia menção da palavra laxativo, nem apregoava irritantemente a sua superioridade, nem trazia slogan. Só O.P.V. e a ilustração de uma bela rapariga num prado a balouçar num baloiço com uma expressão que podia ser de alívio ou de êxtase. Obviamente, em tempos, ela tinha sofrido de obstipação, mas agora, com a ajuda deste produto, podia sorrir livremente e retomar a vida prazenteira e despreocupada para a qual certamente nascera. Procurei avisos ou precauções no lado de trás da caixa e, para além do aviso do costume acerca do uso prolongado ou frequente de laxantes poder levar a uma dependência dos mesmos, não encontrei nada. Apenas vi uma lista de ervas medicinais, e as ervas



medicinais, como eu sabia, eram o tesouro da natureza - saudáveis, calmantes e regeneradoras. Quando fomos ter com o farmacêutico para pagar, ele olhou pensativo para a caixa e franziu a testa.

- Vocês têm a certeza que é isto que querem?
- Temos a certeza - disse eu, a pensar porque seria que ele, um farmacêutico, não mostrava mais entusiasmo acerca deste laxante, dos melhores que tinha.
- Está bem - disse ele, de um modo que parecia significar «O funeral é o vosso» sem chegar a dizê-lo.

Durante a viagem de volta às vinhas, segurei a caixa de O.P.V. como se se tratasse de um lingote de ouro. Li e reli a lista de ervas, apaixonei-me um pouco pela rapariga do baloiço e senti-me, de um modo geral, como se tivesse o mundo na palma da mão outra vez.

Mal chegámos a casa, abri a caixa e inalei o saudável e regenerador aroma das ervas medicinais. As ervas eram verdes e tinham o aspecto do chá, ou de plantas aos bocados, o que, que eu soubesse, era exatamente o aspecto que deviam ter. Satisfeito, fui procurar uma colher de chá, servi-me de um montinho de O.P.V. e tomei-o com água.

- O pai disse quanto tempo é que demora a funcionar?
- Suponho que deve ser umas cinco ou seis horas - disse o meu irmão.

Era uma suposição excelente, pois passadas cinco horas, enquanto o meu irmão fazia gelado caseiro com o Inez, o encarregado do rancho, e a família dele, comecei a sentir suores frios. Isto, tinha a certeza, era um excelente sinal, porque significava que as ervas estavam arduamente a desempenhar a sua tarefa, a desbravar um caminho saudável e regenerador através do meu sistema. Depois o meu estômago começou a ter umas ligeiras contrações. A princípio, isso surpreendeu-me: tinha estado à espera de algo muito mais agradável e remanescente da Primavera, mas acalmei-me com a ideia de que isto era apenas o modo como a natureza corrigia um erro de seis dias, e de que o alívio estava apenas a minutos de chegar.

A contração seguinte durou cinco segundos e fez-me começar a suar. A contração depois dessa durou oito segundos e fez com que a cor desaparecesse do meu rosto. Fui à casa de banho, assumindo que tudo o que tinha que fazer era sentar-me, mas não aconteceu nada - nada estava sequer perto de acontecer, e as contrações estavam a piorar. Continuava a apoiar-me na ideia de que tudo o que tinha tomado era umas ervas, e de que as ervas eram uma parte natural da natureza, mas não conseguia deixar de me preocupar. Embora nunca tivesse procurado a palavra paroxismo no dicionário, já tinha ouvido falar dela, e sabia que estava a sofrer um paroxismo de dor, ou vários paroxismos. Também sabia que a dor estava a piorar e que eu não estava mais próximo do alívio do que antes de tomar o laxativo.

A contração seguinte começou como uma contração vulgar, depois cresceu vertiginosamente até ser uma contração atómica que obliterava o sentido, a esperança, a lógica, a mente e o autocontrole. À medida que a dor aumentava, enfiei a manga da camisa na boca, e quando a dor atingiu o zénite, mordi a camisa até fazer um buraco e arranquei o varão das toalhas da parede.

Por esta altura, começava a suspeitar de que o meu pai tinha cometido um erro. Esta suspeita era quase tão dolorosa para mim como as contrações em si, uma vez que, tanto quanto sabia, o meu pai nunca me tinha dado um mau conselho na vida. Tentei pensar em alguma coisa que o fizesse não ter errado, mas quando veio a contração seguinte, soube que ele tinha errado e comecei a agradecer-lhe de modo sarcástico.

A contração que se seguiu durou quinze segundos. A meio, arranquei o suporte do papel higiénico da parede, pus-me de pé num salto, atirei-me para cima da cama, agarrei o estômago e fiz barulhos que nunca tinha feito na vida. E depois veio outra contração. E outra. E outra. Tentei respirar depressa

para fazer acalmar a dor; tentei respirar devagar e assumir a posição fetal; mas nada funcionava. Na minha curta vida tinha apanhado a ponta de mim num fecho-éclair, tinha-me sentado num abelhão e fechado uma porta do carro nos dedos sem querer, mas nunca tinha experimentado dor como esta. Isto era dor que não podia ser ultrapassada por coragem, dignidade ou disciplina; isto era dor tornada numa ciência, e sabia que se tivesse o segredo militar ou governamental a divulgar, o teria divulgado imediatamente.

Depois zinguei-me. Sabia que a dor me estava a tentar dominar, e eu não seria humilhado. Cerraria os dentes, mergulharia na dor como um guerreiro, e mostrar-lhe-ia quem é que mandava. Portanto, quando chegou a contração seguinte, mergulhei na dor com os punhos figurativamente erguidos. Isto, contudo, só fez piorar a dor, portanto tentei mergulhar por debaixo da dor como se fosse uma onda no mar. Infelizmente, a onda não tinha fundo. Por debaixo da dor só havia a inconsciência ou a morte, e eu não queria mergulhar tão fundo. Portanto tomei o caminho oposto e tentei elevar os meus pensamentos a um plano mais alto - até Deus e à serenidade e à paz, mas a dor arrastou-me de volta para baixo, e não havia nada que pudesse fazer para além de esmurrar a cama e tentar encontrar a paz, assim.

Quando veio a contração seguinte, decidi deixar-me ir - tornar-me numa árvore que dobra mas não se parte. Isto era uma sensação mais natural do que tudo o que já tinha tentado, portanto continuei a dobrar e a dobrar e a deixar a dor passar por cima de mim. Depois, pensando que isto era demasiado parecido com ser humilhado, endireitei-me cerrei os dentes e saltei em direção à dor para um derradeiro confronto. Uns segundos de confronto, e percebi que tinha cometido um erro e tentei transformar-me numa árvore de novo, mas era demasiado tarde, e vi-me forçado a encolher-me e começar a gemer. Talvez devesse fazer um voto - prometer a Deus que não faria isto e aquilo nunca mais se Ele fizesse só desaparecer a dor. O problema era que não tinha nenhuns hábitos verdadeiramente maus, e não queria estar obrigado a uma promessa qualquer que fizera num momento em que não estava em mim. Mas tinha de fazer alguma coisa, portanto gritei o nome de Deus só para que Ele soubesse que eu sabia que Ele estava lá e que acreditava nele. Depois corri para a casa de banho.

Uma hora depois, coleí o varão das toalhas e o suporte do papel higiénico de volta na parede, enrolei as mangas de modo a que não se visse o buraco e caí outra vez na cama. Como, queria saber, tinha uma empresa de laxativos destas resistido à falência tanto tempo, e porque é que o meu pai o tomava e porque é que mo tinha recomendado? Claro, tinha acabado por funcionar, finalmente, mas a dor, a dor era ... E depois aconteceu uma coisa estranha: já não conseguia bem lembrar-me de como era a dor. Disse a mim mesmo que era horrível e agonizante e intolerável, mas estas eram só palavras agora que a dor em si tinha passado e pensei se por acaso não teria exagerado um pouco na minha reação. Tinha tido contrações, claro, e as contrações eram muitíssimo dolorosas, mas teriam elas sido assim tão dolorosas? E o que eram contrações quando comparadas com esta maravilhosa sensação de alívio e bem-estar? Claro, nunca ia tomar O.P.V. outra vez - nunca - e certamente que não ia recomendá-lo ao meu filho, quando tivesse um filho.

A menos, claro, que eu realmente precisasse de o tomar - ou que ele realmente precisasse.

# UMA VIDA CURTA



O problema era a morte. Desde que descobrira que ela existia e que podia acontecer a qualquer pessoa a qualquer momento, estava de alerta. A morte não queria saber que eu tivesse quase catorze anos e estivesse a caminho de ser um escritor mundialmente famoso. A morte não queria saber que me estivesse a aparecer uma cova no queixo e um maxilar mais firme e que, conseqüentemente, fosse atrair raparigas e mulheres a torto e a direito. A morte não queria saber que em breve me iria barbear e que provavelmente iria revolucionar a literatura de ficção americana antes dos vinte anos. A morte vinha, simplesmente, às claras ou em segredo, sob a forma de um germe ou de um frigorífico a cair, e era tudo.

Por esta razão, eu estava constantemente à procura de sintomas. Uma súbita queda de pestanas, uma comichão duradoura, um joelho dorido - qualquer destas coisas podia ser o primeiro sinal de alguma coisa e eu estava decidido a não ser apanhado desprevenido. Não queria ser uma daquelas pessoas que ignoram os sintomas urgentes toda a vida, apenas para descobrirem que estão a decompor-se silenciosamente há meses. Não queria que algum médico me dissesse: «Gostava que me tivesse vindo ver há um mês», ou: «Parece ter-se tornado incontrollável.» Alguns chamar-me-iam hipocondríaco, mas eu não me importava. Enquanto a vida fosse fugidia e o homem fosse mortal, eu ia esperar pelo pior.

Portanto, quando senti o alto na cabeça, sabia que era um tumor. Sabia que era um tumor porque tinha visto um drama televisivo duas noites antes sobre um rapaz exatamente como eu que tinha um alto na cabeça. No espaço de uma hora, tinha visto o rapaz passar de um aluno de vinte bem constituído, de olhos límpidos e aspecto arranjado, a uma sombra deitada e pastosa do antigamente. Como tinha lido a sinopse do programa no guia da TV, conhecia o destino do rapaz mesmo enquanto ele fazia passes impecáveis aos médios e corria para o golo. Sabia porque é que ele tinha uma ligeira dor de cabeça depois do jogo, e porque é que se sentia tonto depois de beijar a namorada, e porque é que tinha desmaiado no chuveiro, mas não esperava que as coisas deteriorassem tão triste ou traumáticamente. O drama acabava com o rapaz a dizer corajosamente à namorada que ia na mesma com ela ao baile de finalistas, mas, claro, provavelmente não ia, e eu sabia que não ia, e ele sabia, e a namorada sabia também. A câmara parou na cara pálida do rapaz e depois o ecrã passou a preto.

E agora eu tinha o tumor e nunca ia casar, nunca ia ver Espanha, nunca ia ganhar o prémio Nobel. Fiz um teste rápido à diminuição das minhas capacidades motoras atirando um cigarro ao ar e tentando apanhá-lo pelo filtro entre os dentes, e, como esperava, o cigarro ressaltou no meu nariz e foi aterrar no chão da casa de banho. Sabia que em breve não seria capaz de piscar o olho, ou de sorrir, ou de fazer um punho. Senti o alto outra vez e tentei pensar se alguma coisa me tinha caído na cabeça nos últimos dois dias, mas, claro, não tinha. O alto era um tumor, e o meu destino estava selado.

Bem, eu não ia mostrar cobardia agora. Não ia degenerar numa poça de lágrimas e ter pena de mim mesmo. Ia sair de cena com a cabeça erguida. Ia ser valoroso na doença do modo como outros homens eram valorosos na saúde. De qualquer modo, era o mundo que ia ficar a perder, não era eu. Eu ainda seria eu algures, mas o mundo, onde estaria o mundo? Onde estaria o futuro da literatura de ficção americana?

E talvez estivesse enganado. Talvez fosse só um galo, ou um alto benigno, e estivesse tudo bem. Ia ignorá-lo. Ia fazer os trabalhos de casa e viver a minha vida e parar de deixar a minha imaginação

levar a melhor. Uma vez por todas, ia parar de agir como um rato, uma mulher idosa, e um inútil, e ia tomar as rédeas da minha imaginação. Resolutamente, olhei-me no espelho, franzi o sobrolho, cerrei os dentes e ordenei a mim mesmo que me esquecesse do tumor. Depois abandonei a casa de banho, sentei-me à secretária, abri furiosamente o meu livro de história e comecei a fazer os trabalhos de casa. És um rochedo, disse para comigo. A tua mente é um rochedo. Assim li e li mais, a minha mente como um rochedo, mas não estava a absorver nada - as palavras no livro de história passavam simplesmente ao lado da minha mente. Portanto deixei que a minha mente amolecesse um pouco, só o bastante para absorver palavras, e recomecei a ler. No exato momento em que me começava a concentrar, fiz um gesto distraído, pus a mão na cabeça e senti o alto. Impotente, comecei a inspecionar o alto com os dedos, e a minha mente ficou de novo completamente flácida. Estou a morrer, pensei.

Fui à casa de banho e olhei-me no espelho. A pele da minha cara parecia mais justa do que era habitual, e os meus olhos pareciam um pouco enevoados. Tentei novamente atirar um cigarro ao ar e apanhá-lo com a boca, mas mais uma vez bateu-me no nariz e caiu no chão. Está bem, então estou a morrer, pensei. Nada de primeiro amor, nada de Paris, nada de Roma, nada de romances, nem mulher, nem filhos, nem casa na Jamaica, nem fama, nem aventura. Encolhi os ombros num gesto de resignação, sorri ao meu reflexo no espelho, entrei em pânico, fui rapidamente ao quarto da minha mãe e pedi-lhe para tocar no alto.

- O que achas?

- perguntei.

- Sobre o quê?

- O alto. Não sentes um alto?

- Isso é a tua cabeça, William.

- O alto é a minha cabeça?

- Claro que sim.

- Tens a certeza de que não é um tumor?

- Claro que não.

- Claro que não tens a certeza de que não é um tumor, ou claro que tens a certeza de que não é um tumor?

- Claro que não é um tumor. Tens uma cabeça aos altos.

- É só isso.

- É só isso.

- Obrigado - disse eu.

E levantei-me e saí do quarto - a pensar porque seria que o meu indicador da mão direita estava um pouco dormente,

# O CAÇADOR DE PÁSSAROS



Que eu soubesse, nunca ninguém na minha família tinha morto um pássaro na vida. O meu pai tinha morto uma lebre uma vez, nas vinhas, mas isso foi porque a lebre andava a escavar buracos ou a comer as uvas ou a atacar os animais mais pequenos que eram de algum modo benéficos para o solo ou para as videiras ou para as próprias uvas.

Apesar disto, uma manhã quando tinha doze anos, sabia que tinha de matar um pássaro. Na realidade, não era tanto que quisesse matar, mas queria mesmo atirar. Queria esquecer por um pouco que só tinha doze anos e uma média escolar de Menos Bom, um aparelho nos dentes e uma queda para ser enviado para o gabinete do vice-diretor. Queria sacar da pistola de pressão de cartuchos a CO2 do meu primo, apontar, atirar, e mudar ligeiramente o mundo. Fosse como fosse, sabia que há anos que os rapazes de doze anos atiravam aos pássaros e que os pássaros não viam nada e não sentiam nada. Havia um minuto em que estavam a voar ou a chilrear, e no minuto a seguir não estavam.

Portanto, peguei na arma uma manhã, enfiei-a nas calças e saí com os meus amigos Kevin e Tim para casa da avó do Kevin. Ostensivamente, íamos lá para jogar ténis, portanto levei a minha raquete de ténis comigo, para o caso da avó do Kevin suspeitar de alguma coisa. Esta precaução revelou-se desnecessária, porque a avó do Kevin afinal era muito velha e passou a maior parte do tempo na sala com a porta fechada. O quintal dela, no entanto, era o paraíso de um caçador: havia pássaros por toda a parte. Pássaros a voar de árvore em árvore, pássaros a caminhar na relva, pássaros a lavar-se no bebedouro. Havia ainda um pássaro solitário empoleirado num fio telefónico. Este, decidi, seria o meu primeiro alvo.

Depois dar uns quantos tiros de treino na hera, voltei a enfiar a arma nas calças, virei-me de costas para o pássaro, saquei da arma, rodei o corpo, agachei-me e disparei. O pássaro não se mexeu. O fio telefónico também não. Tinha ouvido histórias sobre armas defeituosas que desviavam para cima ou para baixo ou para a esquerda ou para a direita, portanto aponteí acima da cabeça do pássaro e disparei. Nada. Aponteí abaixo dos pés do pássaro e disparei. Nada. Aponteí para a esquerda e disparei, e para a direita e disparei. Nada. O pássaro chilreou e voou para longe. Nesse mesmo instante vi um pássaro num arbusto e disparei duas vezes, e depois, ao ouvir um som que podia ser de um pássaro, virei-me e disparei para as árvores.

- Não te estás a concentrar - disse o Tim.

- Estou a concentrar-me - disse eu. - Acho que tenho uma arma defeituosa. - Provei que assim era ao disparar contra o poste telefónico e falhar.

Então lembrei-me de que os verdadeiros caçadores não disparavam à toa contra as suas presas. Eles andavam sorrateiros, eles esperavam. Portanto comecei a caminhar de modo sorrateiro pelo quintal - não de maneira que me envergonhasse em frente dos meus amigos, mas de um modo informal e subtil. Também me lembrei que os caçadores davam passos leves, portanto comecei a andar com leveza, embora, mais uma vez, não o fizesse de um modo que parecesse muito diferente da minha maneira habitual de andar.

Esgueirei-me sem fazer ruído até ao bebedouro, olhei de esguelha para o telhado da casa, vi um pássaro, disparei três vezes e falhei o alvo. Perdi a cabeça e desatei a disparar contra árvores, arbustos e contra o musgo.

O Tim e o Kevin começaram a rir-se.

- Desiste - disse o Kevin.

Eu estava demasiado zangado para falar, portanto não disse nada. Ia ser mais um jogo de Monopólio perdido, mais um rolo de fita-cola na minha cabeça, mais um beijo babado, mais um falhanço ordenado por um universo que tinha decretado que eu seria para todo o sempre o seu brinquedo, o seu bobo. Com pensamentos destes, o meu desejo de matar um pássaro começava a assemelhar-se a uma obsessão. Tinha vindo para matar um pássaro, e ia matar um pássaro.

O problema era que os pássaros tinham desaparecido. Espreitei para detrás das cadeiras do terraço, circudei o bebedouro, e olhei para os fios telefónicos. Depois parei à escuta dos sons de chilrear. Não ouvi nada. Assim, enfiei a arma nas calças, tapei-a com a camisa, sentei-me ao lado do corte de ténis e, com uma expressão habitual e desinteressada, assisti ao jogo de ténis do Tim e do Kevin. Fiz isto para enganar os pássaros, para que pensassem que tinha mudado de ideias sobre a coisa toda e que era seguro voltarem.

Passados uns minutos, ouvi um chilrear ou um piar cauteloso, mas não me mexi. Não mexi sequer a cabeça. Não demorou muito que os chilreios se tornassem mais destemidos e numerosos, e eu soubesse que os pássaros tinham voltado. Enquanto fingia bocejar, fiz um estudo secreto do jardim todo. Não havia nem um pássaro à vista. Tinham voltado às árvores, mas estavam a observar - a certificar-se da segurança. Portanto, parei de me espreguiçar e vi o Kevin a ganhar o terceiro e último set, por seis/quatro.

- Temos de ir - disse ele.

- Ainda não - disse eu.

- Tem de ser. Disse à minha mãe que estava de volta às três.

Estava prestes a implorar-lhe por mais cinco minutos quando o vi. UM PÁSSARO. Estava mesmo atrás da linha de fundo no lado oposto do corte.

- Xxxxix - disse-lhe, enquanto tirava a arma das calças e cruzava silenciosamente o corte de ténis. Movia-me quase em câmara-lenta, sem nunca tirar os olhos da minha presa. Quando me encontrava em frente dele, parei completamente, certo de que se desse outro passo, o pássaro ia bater em retirada.

O pássaro estava agora a cerca de cinco metros, o que queria dizer que ia ter de apontar para baixo e para o lado - um tiro impossível. Do que eu precisava era de um tiro a direito. Mas como? Em resposta a essa pergunta, deitei-me sobre a barriga de modo a que o pássaro ficasse na minha linha direta de fogo. Depois levantei a arma uns dois centímetros do chão, inspirei fundo, sustive a respiração e disparei. Pfffft ! Instantaneamente, o pássaro caiu de lado.

- Atingi-o! - gritei - Atingi-o!

Olhei para os meus amigos em busca de algum sinal de espanto ou aprovação, depois corri até ao pássaro. Porque nunca nada que eu tivesse visto na televisão precisara de mais que um tiro para morrer, eu sabia que o pássaro estaria em perfeito repouso mortal - com o peito quieto, os olhos fechados. Só que, quando cheguei ao pássaro, vi que não estava morto - na verdade tinha os olhos abertos e o peito a ofegar.

A princípio não conseguia fazer mais do que observar horrorizado. Não fazia ideia de que era isto que significava caçar, e não estava de todo preparado para enfrentar as consequências vivas dos meus atos.

E então o pássaro começou a bater as asas e algo agonizante correu no meu sangue. Freneticamente, dei-lhe outro tiro, desta vez no peito e, mesmo assim, os olhos do pássaro não se fecharam e as asas continuaram a bater. E de repente, percebi que a minha arma podia ser inútil, que podia não haver maneira de acabar com o sofrimento do pássaro. Pensei em pisar-lhe a cabeça, mas não era capaz,

portanto disparei outra vez sobre o pássaro, três, quatro, cinco vezes, e os chumbos fizeram-lhe pontinhos vermelhos no peito e no pescoço, mas mesmo assim não morria. Estava apenas a ficar cheio de chumbos, cada um dos quais tinha o poder de lhe infligir sofrimento, e nenhum dos quais tinha o poder de o matar. Então comecei a pensar que nunca o ia conseguir matar; e de repente não havia corte de ténis, não havia árvores, nem céu, nem sol, nem mundo - havia só eu a disparar chumbos para dentro do pássaro, e o corpo do pássaro a absorver os chumbos e à espera da morte. E cada instante desnecessário da agonia daquele pássaro me parecia uma eternidade, porque agora eu era o pássaro tanto como era eu, e sentia cada chumbo a penetrar no meu coração ou na minha garganta ou no meu estômago, ou no meu peito. Em desespero de causa, encostei a ponta da pistola à cabeça do pássaro e disparei quatro vezes.

O Kevin, o Tim, e eu recolhemos as bolas de ténis, arrumamo-las em latas e saímos pelo portão aberto para o passeio. Tentei esquecer-me do assassinio e não deixar os meus amigos ver como me sentia. Nunca tinha confiado realmente neles, pela mesma razão por que o pássaro não podia confiar em mim; e fui para casa sozinho naquele dia, a sentir-me tão culpado como o primeiro homem depois de ter mordiscado a fruta errada no Jardim do Paraíso.

# SKIP VAI PARA A UNIVERSIDADE



Tantas preparações. O esvaziar de armários, o dobrar das camisas, a limpeza da secretária que significava que o meu irmão, o meu companheiro de quarto, o meu amigo e companheiro se ia embora para a universidade. Não haveria mais voltas no descapotável vermelho, nem mais saídas às oito da noite para comprar pizza, nem mais «Boa noite, Skip», «Boa noite, Will», nem mais som reconfortante de respirar adormecido na cama ao lado da minha.

Ele disse-me que voltava para o Dia de Ação de Graças e para o Natal, e voltava todos os Verões nas férias. Disse-me que ia ser como se ele nunca se tivesse ido embora, mas eu sabia que nada ia ser o mesmo outra vez; eu sabia que nunca ia ser feliz ou, que se fosse, seria uma espécie de felicidade vazia e qualificada.

Ele ia partir num domingo, que, de qualquer maneira, tinha sempre sido um dia mau - um dia de fins, de churrascos e falsa alegria e fins de tarde tristes e sombrios. À medida que o dia da partida se aproximava, nadámos, jogámos golfe, bowling, futebol e basebol como nunca o tínhamos feito.

E depois veio a penúltima partida de golfe, a última partida de golfe, a última pizza, a última volta de carro, o último pontapé na bola de futebol, o último girar do taco.

- Boa noite, Skip.

- Boa noite, Will.

O dia seguinte começou devagar; os momentos passavam como Cadillacs pretos a caminho de uma campá. Dissemos as mesmas coisas que normalmente dizíamos um ao outro de manhã, mas havia uma sentença de mudança a pesar sobre o dia que fazia com que tudo o que dizíamos soasse a tragédia e a desalento. Estive sempre à espera que o Skip mudasse de ideias no último instante, ou que apanhasse uma gripe, ou que torcesse um tornozelo. Ou talvez alguém lhe dissesse que não podia ir; ou ele não quisesse ir.

E depois os momentos começaram a ganhar velocidade, começaram a fugir para o destino e, antes que eu desse por isso, o pequeno-almoço tinha acabado, e depois ele tinha tomado o duche, e depois estava a levar as malas para o carro e a abraçar o Papá e a abraçar a Mamã, e a abraçar a Carol e a abraçar-me a mim; e eu ansiava por voltar atrás no tempo, por reviver os últimos dois anos, o último mês, a última semana uma vez e outra e mais outra para o resto da minha vida. E de cada vez que chegasse a este momento, ia voar pelo tempo até aos dias em que estava na Liga Juvenil e ninguém tinha de ir a lado nenhum.



# VIDA E OBRA



Estou no segundo ano da escola secundária. A vida é suave - céus e piscinas azuis. Quando não estou a olhar para o espelho, estou a bronzear-me, e quando não me estou a bronzear estou a escrever contos ou a jogar futebol ou a apaixonar-me ou a ter sonhos deliciosos sobre uma rapariga maravilhosa que tenho a certeza de ir conhecer em breve.

Sei que vou revolucionar a ficção americana antes do meu vigésimo aniversário. Sei que cada palavra que escrevo devia ser gravada em pedra ou recitada pelo Laurence Olivier.

Nos dias em que tenho borbulhas, mantenho a cabeça baixa e ando depressa. Ouço canções de amor do Gordon Lightfoot e releio passagens românticas de O Grande Gatsby e de O Sol também Nasce.

Aperfeiçoei um ar de mistério, de saber profundo e preocupação com pensamentos filosóficos. Fixo o olhar no espaço sempre que possível e ando pelos corredores como se fosse o próprio anúncio do autocontrolo. Falar, compreendo, só pode servir para me estragar a imagem, portanto digo tão pouco quanto posso na escola. O meu trabalho é elevar-me acima das coisas, e ficar nessa posição. O único problema é que estou a chumbar a geometria:

# A EXPLICAÇÃO



Nunca ninguém se esforçou tanto por compreender a geometria como eu, mas, logo desde o primeiro dia, era evidente que não tinha hipótese. Ali estava eu, sentado a olhar e ouvir enquanto o nosso professor, o Sr. Carravacci explicava que  $AXB$  era não sei como igual a  $XBM$  se o valor de  $B$  fosse três e  $X$  fosse uma variável. De seguida, passava vinte minutos a desenhar letras e parênteses no quadro, enquanto dizia coisas como «valor» e «provas» e «bissetriz» e «congruente». Também dizia «portanto» muito frequentemente, talvez cinco ou seis vezes mais do que as outras pessoas o dizem em toda uma vida; chegado o final da aula, eu sabia que, se a geometria era o estudo dos números e da lógica, e se a compreensão dos números e da lógica era necessária para passar a geometria, então eu ia passar grande parte da minha vida na aula do Sr. Carravacci.

Não me lembro se as explicações de geometria me foram recomendadas pela escola ou por alguém que a minha mãe conhecia, ou pelo próprio Sr. Carravacci, mas fosse como fosse, tocaram à campainha numa terça-feira à tarde, e eu abri a porta. Estava à espera de encontrar um matemático sério, de meia-idade e de óculos, com o cabelo grisalho, uma testa alta e um ar competente e profissional. O que vi foi uma frágil senhora de setenta e cinco anos, com cabelos brancos e esvoaçantes, olhos azuis leitosos e uma expressão educada, quase de deferência. Perguntou-me, numa voz que estava apenas a seis meses, talvez um ano, do tremor, se eu era o Billy, e eu respondi-lhe que era o Will, e ela disse que o seu nome era Sr.a March. Convidei-a a entrar e senti, quando passou por mim, o cheiro do perfume dela, e de qualquer outra coisa que fazia com que o perfume cheirasse a um armário de madeira vazio.

Quando chegámos ao meu quarto, sentamo-nos à escrivaninha e mostrei-lhe os meus trabalhos de casa.

- Estou a ter dificuldades com a demonstração do triângulo isósceles - disse-lhe.

- Compreendo - disse a Sr.a March. Disse-o como se fôssemos dois convidados numa festa, a trocar banalidades, e não um aluno e uma explicadora que tentava evitar que o aluno chumbasse, portanto eu acrescentei:

- Talvez me pudesse ajudar. Após um minuto ou dois de silêncio, a Sr.a March disse:-

- Com ...?

- A demonstração do triângulo isósceles - disse eu\*

Apontei para o trabalho de casa

- Isto.

- Oh, sim, sim, claro - disse a Sr.a March.

Olhou para o papel durante uns quinze a vinte segundos, e depois para mim.

- O que é que não percebe, Alan?

- Bem - disse eu -, querem que demonstre que o ângulo  $ABC$  é igual a  $ACB$ , e eu não sou capaz.

- Muito bem - disse Sr.a March.

Depois estudou novamente o triângulo e olhou para mim.

- Eu percebo a primeira parte - disse-lhe. - Sei que  $AB$  é igual a  $AC$ .

- Então, vamos escrever isso - disse a Sr.a March, com uma tom que quarenta anos antes devia ter sido eficiente e vigoroso. Abriu o caderno e escreveu, numa letra trémula e pequena « $AB$  igual a  $AC$ ».

- Agora - disse ela - sabemos que  $AB$  é igual a  $AB$ . -  $AC$  - disse eu.

- AC - assentiu a Sr.a March. - Tem um copo de água, Alan?

- Claro - respondi. Fui buscar-lhe um copo de água, que ela bebeu.

- Obrigada - disse ela. E então calou-se, e ficou calada.

- Sr.a March?

- Sim, Alan.

- AB é igual a AC.

- Oh, sim. Pois, vejamos ... E olhou para o triângulo um bocado, e depois para as letras que escrevera, e eu pensei que ela podia ter oitenta, e não setenta e cinco anos, e que a sua compreensão da geometria não era tão nítida como já teria sido.

- Eu sei que devemos bissetar o triângulo - disse.

- Oh, desculpe - disse a Sr.a March. - Tem toda a razão. Não sei o que tenho hoje. Claro. Bissetar o triângulo.

Portanto dividimos o triângulo em ABD e ACD.

- Agora temos dois triângulos congruentes - disse ela - ABD e ACD. O que é que isso nos diz?

Fiquei calado, claro, porque não fazia ideia, e a Sr.a March ficou calada porque também não fazia ideia.

- Talvez devêssemos fazer outro problema. Podemos sempre voltar a este.

- Não, não - disse a Sr.a March. - Devemos acabar sempre o que começamos. Então, o que sabemos nós?

- Que bissetamos um triângulo.

- Muito bem - concordou. - Agora podemos passar ao próximo problema.

- Mas não demonstrámos que  $ABC$  é igual a  $ACB$  -disse eu.

- Oh, céus - disse a Sr.a March. - Oh, céus ... Portanto olhámos os dois para o problema outra vez e ficámos de novo num silêncio demorado.

- Posso ver o teu livro, Alan? - disse ela. Passei-lhe o livro, que ela estudou.

- Não é curioso - disse. - Então eu sei que ABD é igual a ACD, e sei que AB é igual a AC, mas porque será ...?

Deixou a frase por acabar.

- Talvez devêssemos passar ao próximo problema -disse, e desta vez ela não discutiu.

Limitou-se a olhar para mim como se eu fosse capaz de lhe explicar a razão pela qual ela já não sabia o que em tempos soubera tão bem.

Portanto, passámos ao problema seguinte, e ela perguntou-me o que sabíamos nós, e o que podíamos assumir, e eu disse-lhe que não sabia, e ficámos muitas vezes em silêncio e depois de cada silêncio a Sr.a March sacudiu a cabeça alva e disse que não sabia o que tinha hoje, e eu senti-me um pouco esquisito porque sabia que há quarenta anos ela sabia as respostas de todos estes problemas, e os olhos dela eram de um azul límpido e a mão não lhe tremia, o cabelo não era branco, e a voz dela era clara e segura e ela não tinha de pedir desculpa a ninguém.

Passámos ao problema seguinte e ao problema que se seguia a esse até chegarem as cinco e meia e a hora da Sr.a March se ir embora. Acompanhei-a até ao andar de baixo, devagar, pelo corredor até à porta, e dei-lhe um cheque de vinte dólares.

- Oh, não - disse ela. - Não podia aceitar isso.

- Porquê?

- Não, não, Alan. Eu hoje não estive muito bem.

- Esteve muito bem hoje, Sr.a March - disse eu. - Por favor aceite.

Então a Sr.a March acabou por aceitar o cheque porque era uma porção de comida ou da renda, ou

vinte por cento de uma prestação do carro, ou setenta e cinco por cento de uma conta de eletricidade, e agradeceu-me e saiu.

Depois de ter fechado a porta, parei no corredor um momento, a sorrir e, à laia de epitáfio da passada hora e meia, abanei a cabeça com resignação. Pela parte que me tocava, o episódio estava terminado e tudo o que me restava fazer era procurar um explicador novo. Ainda me sentia um pouco estranho, mas isso, pensei, era porque precisava de apanhar ar, portanto, quando cheguei ao meu quarto, abri todas as janelas e respirei fundo durante vários minutos - inspirar e expirar, para dentro e para fora, até ao momento em que comecei a chorar.

Tanto quanto a minha família sabia, eu tinha ido com o meu irmão trabalhar para as vinhas do meu tio em Arvin com o propósito de ganhar dinheiro suficiente para passar duas semanas no Havai. Mas a verdade era que eu tinha ido pela mesma razão por que ia aonde quer que fosse naqueles tempos: para encontrar o amor. Naqueles tempos, um caminho só merecia ser tomado se conduzisse ao amor, uma caixa só merecia ser aberta se contivesse amor; e o amor romântico, quando eu tinha dezasseis anos, era um caminho que eu não conseguia encontrar - uma caixa dentro de uma caixa dentro de uma caixa. Não o tinha encontrado na escola primária, e não conseguia encontrá-lo na secundária, mas sabia que ele estava algures e que estava à minha espera.

A viagem de casa do meu tio em Bakersfield até Arvin demorava vinte minutos. Enquanto o meu irmão conduzia, eu recostava-me no assento e via o sol vermelho a nascer sobre o vale verde, inalava a fragrância de uvas maduras, sol fértil e videiras saudáveis e sonhava acordado. Por essa altura, tinha descoberto que era um escritor, o que significava que sonhar acordado era válido, e até talvez fosse mesmo proveitoso. Já no fim do nosso caminho, passávamos por um casinhoto de madeira um pouco afastado da estrada, no meio do nada. Tinha um telhado de chapa verde, uma chaminé de cano, uma vedação branca a descascar-se e um alpendre de madeira abaulado. A princípio, era apenas uma curiosidade, um decrépito quadrado de madeira com um telhado, uma habitação impossível para quem tinha sido criado em Beverly Hills. Mas uns dias mais tarde vi uma luz na janela e a luz iluminava a casa e fez-me pensar quem lá vivia. Provavelmente um lavrador e a sua mulher, supunha - um homem bondoso e trabalhador dos seus quarenta e cinco anos e uma amável mulher com quarenta. Talvez até tivessem uma filha.

No dia seguinte, passávamos pela casa no carro, e eu sabia que a filha era bela, suave e frágil, com uma pele branca como marfim, olhos cor de alfavaca e cabelos louros. Quase que a conseguia ver, envergando a sua pobre camisa de dormir branca, a servir, cheia de devoção, o pequeno-almoço aos pais, pequeno-almoço que ela fizera. Via as mãos dela, delicadas e pálidas, a servir ovos estrelados em pratos estalados e a deitar café para dentro de canecas manchadas.

- Obrigada, Emily - diria o pai dela - Gostarias de dizer tu a oração?

E claro, a Emily rezava. E a voz dela seria tão suave e modesta e segura como a de um anjo e no final da oração, levantava o olhar e começava a comer.

Na manhã seguinte, passávamos de carro pela casa e eu decidi que a Emily era não só modesta e tímida e honesta, mas era também sozinha. Eu conseguia vê-la deitada na cama à noite a olhar para a lua pela janela aberta e a ouvir o silêncio profundo do vale. Conseguia vê-la na escuridão do quarto, ajoelhada no velho chão de madeira, a rezar por um homem para amar.

- Will? - disse o meu irmão.

- O quê? - respondi irritado.

- Estavas a dormir?

- Não, estava só a pensar no Havai.

Nessa noite, deitado na cama, fiquei a pensar na Emily. Decidi que era uma rapariga simples, de coração puro, que nunca deixava a quinta exceto para comprar açúcar ou sapatos. Decidi ainda que ela adorava animais e tinha medo do escuro. Tinha a certeza de que algum dia eu lhe ia bater à porta e ela ia abrir a porta e quando me visse saberia que eu era o homem de quem ela estava à espera.

- Eu sou o William - diria. \* - Eu sou a Emily.

- Eu sei.

,; - Como é que sabes?

- Porque toda a minha vida te conheci; do mesmo modo como tu me conheces a mim.

E ela coraria e baixaria as pestanas e convidar-me-ia para o pequeno-almoço. Depois do pequeno-almoço ela convidava-me para passar o dia com ela, e depois desse dia, convidava-me para ficar com ela para sempre

\*

Durante uma semana foi assim. Todas as manhãs, enquanto o meu irmão e eu seguíamos para o trabalho, eu pensava na Emily, e só nela. Eu sabia que ela guardava um qualquer segredo para mim - o segredo do ventre materno, ou do fundo do mar - e ansiava por conhecer esse segredo. Ansiava por me sentar ao lado dela no alpendre de madeira apodrecida no fim de uma tarde de Verão e abraçá-la e esquecer a ideia de ser um escritor e de ser famoso e sofisticado e de ter viajado pelo mundo. Ansiava por deitar-me a seu lado à noite, debaixo do seu cobertor coçado, sob a luz pálida do candeeiro e sentir o seu coração a bater junto ao meu. Pela janela veríamos a lua branca sobre as vinhas - uma lua tão pálida e misteriosa e inocente como a Emily. Um dia, o meu irmão e eu aproximávamos da quinta e eu sabia que estava pronto para me tornar agricultor, pronto para partir para uma vida rural de videiras e uvas e terra e Verão; pronto para aprender a conduzir um trator e a espalhar sementes e a fazer limonada e a usar jardineiras e a dizer adeus à minha vida antiga. Tudo o que precisava de fazer era descobrir se a Emily existia.

- Pára o carro - disse eu. VÁ -O quê?

- Pára só ali junto àquela casa um minuto. Há uma coisa que eu quero ver.

O meu irmão encostou o carro na berma da estrada.

- O que vais fazer?

- Vou bater àquela porta.

- Porquê?

- Estou à procura de uma pessoa - disse eu.

Saí do carro, fechei a porta e comecei a andar em direção à casa. Sentia-me tão cheio de propósito e tão encorajado pelo destino como nunca nenhum homem se tinha sentido. E então, quando já estava a dez ou quinze metros, subitamente vislumbrei a realidade do que estava a fazer, e já não era um príncipe a subir a escadaria do palácio para reclamar a minha amada, mas um rapaz de dezasseis anos a pisar terra verdadeira em direção a uma quinta delapidada às quatro e meia da manhã ao encontro de uma rapariga que não podia de modo algum viver ali. Pior, preparava-me para bater àquela porta, perturbar a vida ou vidas de quem lá vivesse e tentar explicar quem era e porque tinha vindo. Por momentos, considerei a hipótese de voltar atrás e de dizer ao meu irmão que tinha sido tudo um equívoco. Mas era tarde de mais. Tinha de saber se a Emily estava ali. Por isso continuei a andar, de mãos suadas e coração ribombante. Quando cheguei à porta hesitei, respirei fundo uma vez, e bati. Vários segundos depois, a porta abriu-se e um velho que não era nada parecido com o pai da Emily estava a olhar para mim.

- Bom dia - disse, a tentar respirar normalmente. - O meu nome é William.

Ele esperou.

- Hum, o senhor tem uma filha?

Mal tinha feito a pergunta, soube que ele não tinha;

soube que tudo o que ele tinha era o casinhoto e uma caneca de lata para o café e talvez algum mau génio.

- Uma filha?
- Sim, uma, loura, pálida ... da minha idade mais ou menos?
- Quem és tu?
- O meu nome é William.

- E queres saber se eu tenho uma filha?
- Sim, senhor. Uma rapariga loura, pálida.

Era inútil. Eu sabia que era inútil. Era só um casebre numa vinha no meio do vale, mas decidi fazer um último esforço.

- Por acaso não conhece uma pessoa chamada Emily?
- Emily? - Ele não compreendia.
- Mais ou menos da minha idade?
- Porque queres saber isso?
- É só uma pessoa que conheci. Ela disse-me que vivia para estes lados.
- Estás à procura de uma rapariga?
- Uma rapariga específica, sim senhor.
- Bem, lamento. Ela não está aqui. Eu vivo sozinho.
- Sim, pois. Bem ... - O velho fechou a porta.

Quando voltei ao carro, o meu irmão disse:

- O que é que foi isto tudo?
- Nada - disse eu.

. - De quem é que estavas à procura?

Eu não lhe queria dizer, mas já não parecia importante, portanto disse-lhe:

- De uma rapariga.
- Que rapariga?

Então contei-lhe tudo sobre a Emily, sobre a camisa de dormir branca e a pele cor de marfim dela, e os cabelos louros e os olhos de alfaizema. Quando acabei, senti-me um pouco parvo, mas ele olhou para mim como se achasse que não era de todo parvo e disse:

- Talvez ela esteja no Havai.

# CENOURAS



Ele sabia que o pai gritava de vez em quando mas costumava gritar quando tinha uma boa razão para isso e tudo o que ele tinha feito tinha sido segurar os palitos de cenoura. Ele estava certo de que os tinha segurado em jantares anteriores. Sempre os tinha segurado. E agora o quarto estava escuro e ele não conseguia dormir.

Mas o que é que ele tinha feito de errado? Evidentemente, as pessoas não deviam segurar palitos de cenoura numa mão enquanto comem com a outra, mas porque é que eu nunca ouvi falar nisso antes? Normalmente, diziam-te primeiro, e depois gritavam. Ele tinha claramente cometido um erro gravíssimo.

- Que raio é que estás a fazer? - dissera o pai - Tira as cenouras da mão e põe-nas no prato!

E de repente toda a mesa estava em silêncio e o irmão e a irmã estavam cabisbaixos a olhar para os pratos.

Ele não sabe, Ross - disse a mãe, também ela aparentemente surpreendida com os gritos.

- Porque é que ele não sabe? Por amor de Deus, é simples: Pôr as cenouras no prato, pegar numa cenoura, comer a cenoura, depois pegar noutra cenoura. O que raio é que há de errado com ele?

E era triste, porque não era a velha ira que corrigia coisas que estavam realmente erradas. Era outra coisa qualquer que não tinha nada a ver com cenouras. E ele queria olhar para o pai mas não era capaz. Não era capaz de fazer nada para além de acabar a refeição e pedir licença para se levantar.

E agora eram oito horas e ele estava deitado na cama e ainda não sabia o que é que tinha acontecido. Ele sabia que de agora em diante deixaria sempre as cenouras no prato. Sabia que haveria de comer sempre os palitos de cenoura um a um. Mas continuava confuso.

E então ouviu passos nas escadas e sabia que eram os passos do pai. O pai espreitou para dentro do quarto.

- Estás acordado ?

Mesmo no escuro, ele sentia a doçura da presença do pai, conseguia ouvi-la na voz.

- Sim - disse.

O pai entrou no quarto e ele sentiu o quarto a diminuir, a transformar-se num quarto de brincadeira com mobília de brinquedo e paredes de papel. A presença do pai era tão real, tão forte, que tudo à sua volta parecia de faz-de-conta.

- Sabes - disse o pai -, às vezes quando me zango contigo, estou mesmo zangado é com outras coisas. Às vezes acontece qualquer coisa na cidade ou no escritório e, em vez de gritar com isso, grito com as cenouras, ou os pratos, ou outra coisa qualquer. Percebes isso, não percebes?

- Sim - disse ele, embora não compreendesse verdadeiramente nada para além da sensação da presença do pai e da ternura na voz dele.

- E sabes que te amo mesmo quando grito contigo?

- Sim.

- Ainda bem - disse o pai, e debruçou-se sobre ele para o beijar na bochecha. - Agora dorme.

- Boa-noite, Papá - disse, e a voz dele era miudinha porque o coração lhe tinha inchado quase até à maçã-de-adão.

- Boa-noite.

E então ele estava outra vez no escuro, mas não estava sozinho, porque o pai tinha estado ali, estaria



sempre ali.

# KARATÊ



Depois de me terem batido de tal modo que perdi os sentidos durante uma luta no oitavo ano, perdi grande parte do meu sentido de humor e passei a enfiar-me no quarto, a fazer caretas a inimigos imaginários no espelho da casa de banho e a sonhar que era invencível. Ainda me parecia comigo mesmo, e falava como eu, mas agora já não podia andar pelos corredores da escola sem pensar se conseguiria bater este rapaz ou aquele numa luta. Todos os meus pensamentos giravam à volta das lutas: no quarto, depois de voltar da escola, dava murros no ar, antes do jantar dava pontapés no ar e dava uma cotovelada no ar, junto ao estômago antes de ir para a cama. O meu novo eu, decidi, seria calmo, confiante, e subtilmente aterrorizador. Ao conhecer-me, as pessoas sentiriam imediatamente que eu era perigoso, inviolável. Com um metro e sessenta e cinco e cinquenta quilos, sabia que não era nem perigoso nem inviolável, portanto decidi aprender karaté.

O meu instrutor era um homem chamado Casey Farouk. Antes de o conhecer, parti do princípio de que se trataria de um indivíduo alto de olhos cinzentos e boca cruel - um homem que transbordasse o tipo de autoconfiança que nos traz o facto de sermos capazes de saltar a um metro e meio de altura e paralisar qualquer vilão. Mas quando a campainha tocou para a minha primeira lição e abri a porta, vi um homem pálido e calvo, de ar adoentado, cujos braços eram quase tão magros e pouco musculados como os meus.

- Eu sou Casey Farouk - disse ele, na voz mais aguda que alguma vez eu tinha ouvido, masculina ou feminina. Não conseguia imaginar um homem assim a dar saltos de um metro e meio e a paralisar fosse quem fosse, e por isso, depois de o conduzir à sala de estar, perguntei-lhe se me faria o favor de demonstrar um pontapé no ar.

Ele sorriu, andou até ao centro da sala, saltou como um gato, deu um pontapé, aterrou e olhou para mim.

- Agora - disse ele - porque é que queres aprender karaté?

Eu contei-lhe da luta, e como me tinham batido à frente de todos os meus amigos, e como nunca mais queria perder outra luta na vida. Disse-lhe que queria vir a ser um mestre de karaté e mexer-me com a velocidade de um relâmpago. Enquanto falava, a minha cara ia corando, e a minha voz ia ficando mais estridente, com uma intensidade que estava a cerca de um milímetro da psicose.

O Casey parecia estar impressionado.

- Está bem - disse ele.

Nesse dia, aprendi o que devia fazer se alguém me encostasse uma arma às costas, ou uma faca à garganta, ou me agarrasse pelo colarinho. Ainda aprendi como parar um murro e como impedir alguém de me estrangular. No final da lição, o Casey disse que eu tinha grande potencial, fez uma vénia, e aceitou o cheque de trinta e cinco dólares que o meu pai passara.

\*

Nos dois meses que se seguiram, os meus reflexos e o meu sentido de auto preservação tornaram-se tão desenvolvidos como os de um coelho ou de um antílope. Na verdade, andava tão tenso que me custava a dormir e tinha tendência para me encolher quando alguém me tocava no ombro inesperadamente ou me dizia olá. Aprendi a dobrar os joelhos, a rodar sobre mim mesmo, a dar murros, a avançar, a recuar, a gritar, cair, esquivar-me e rolar. Todos os dias antes da escola fazia

exercícios de aquecimento, esmurrava o ar e avançava em passos de karaté até à porta do quarto; todas as noites fazia setenta e cinco elevações, setenta e cinco abdominais, e desarmava agressores invisíveis. Por vezes, ia ao quarto da minha irmã e pedia-lhe para me atacar com um lápis ou para me agarrar pelo colarinho, ou para me tentar segurar pelas costas. Então, com uma velocidade estonteante, partia o lápis ou invertia a posição, ou escapava-me dos seus braços e roubava o lápis, e a minha irmã dizia-me o quanto estava orgulhosa do meu sucesso, e eu voltava ao meu quarto e pontapeava e rebolava e girava e fintava até serem horas de ir para a cama.

O Casey dizia que eu era o melhor aluno que alguma vez tivera e que, à velocidade a que progredia, ganharia o cinturão preto mais rapidamente que qualquer outra pessoa que ele conhecia, ele próprio incluído. Eu sabia que ele estava a dizer a verdade porque conseguia desarmá-lo ou atirá-lo para o ar quase sem esforço e, quando lutávamos, era quase sempre ele que gritava de dor. Ele chamava-me «Matador».

Na escola, passeava-me pelos corredores na certeza de que era quase invencível. Não me importava que ainda tivesse as orelhas arroxeadas da luta, que as raparigas me ignorassem e os rapazes se rissem de mim pelas costas. O que me importava era que os músculos por debaixo da minha camisa cresciam diariamente e que eu estava secretamente a transformar-me num ser humano letal.

Quando o meu irmão voltou da universidade, eu mal podia esperar para lhe mostrar tudo o que tinha aprendido. Mal podia esperar porque ele sempre fora o meu superior em termos físicos, e eu queria mostrar-lhe, de um modo amistoso, que as coisas tinham mudado. E assim, enquanto ele e o amigo, Bob Kaloff, assistiam, fiz setenta e cinco elevações, dez elevações de um braço só, e fiz o pino apoiado nos braços. Depois avancei e recuei em passos de karaté pela carpete da sala, bloqueei pontapés e dei murros.

Depois disse ao meu irmão para me estrangular.

- Tens a certeza, Will? - disse ele. - Não te quero magoar.

- Não me magoas - disse. - Vá, estrangula-me. Vais ver. Portanto ele levantou-se, pôs as mãos em volta do meu

pescoço e começou a estrangular-me. Então, num só movimento rápido e grácil, levantei os braços sobre a cabeça, girei para a esquerda para me soltar e - os braços dele eram como vigas de aço e ele continuava a estrangular-me. Desesperado, repeti o movimento, mas os braços dele não se moviam e as mãos dele continuavam a agarrar-me a garganta e eu não conseguia respirar.

- Queres que te largue?-perguntou o meu irmão. - Sim - disse.

E o meu irmão sorriu. Era um sorriso de compaixão, suponho, mas eu interpretei-o como um desafio nos últimos três meses da minha vida.

- Está bem - disse, cada vez mais zangado e frustrado -, põe-te atrás de mim e agarra-me com força, com toda a força que tiveres.

- Com toda a força que tiver?

- Agarra-me por trás.

O meu irmão assim fez, e os meus braços ficaram como que esmagados contra o meu peito. Tentei dobrar os joelhos, mas não me conseguia mexer. Não me conseguia sequer começar a mexer e sabia que não ia haver nenhuma manobra da minha perna esquerda por detrás da perna dele, nem ia haver um corpo desequilibrado a tombar para o chão; haveria apenas eu apanhado no abraço de quebra-nozes do meu irmão e no tempo e nos limites de um corpo de treze anos que nunca seria suficientemente forte ou suficientemente crescido, ou suficientemente ágil. Senti as sementes da humilhação a germinarem dentro de mim, e juntei todas as minhas forças e tentei fazer com que ele abrisse os braços ou rodar os joelhos, mas não funcionou. Então percebi que todos aqueles meses de

esforços e suor e elevações e abdominais tinham sido em vão, e que eu v ainda era o irmão mais novo do meu irmão, ainda era o mesmo rapaz que tinha sido batido no parque onze segundas-feiras antes, e toda a minha raiva e frustração veio ao de cima e o meu irmão disse:

- Chega Will?

E eu acenei que sim, e ele soltou-me dos seus braços e eu comecei a chorar. Então, o meu irmão, ao ver o que tinha acontecido, e talvez porque acontecera, levantou as mãos para eu lhes bater, e eu bati e bati com toda a força que tinha - esquerda, direita, esquerda, direita - como um pugilista, e ainda a chorar - esquerda, direita, esquerda, direita - até que parei de chorar e as mãos do meu irmão estavam vermelhas.

# CINCO DÓLARES À HORA



Estava a caminhar ao longo da minha décima sexta fila daquele dia, à procura de ervas daninhas grandes que parecessem árvores. Quando encontrava uma erva grande, revolia o solo em volta com a minha enxada, tentava arrancá-la à mão, e se não conseguia, cavava com a enxada. Desde as nove da manhã que andava para cima e para baixo, por entre filas de videiras. Estavam quarenta e um graus, e eu começava a delirar.

Inventei duas ou três canções e comecei a cantar. Depois, quando o calor me roubou a vontade de cantar, comecei a pensar em estrelas de cinema de quem gostava. Pensei na Claudia Cardinale durante duas filas, na Senta Berger durante três filas e na Jane Fonda durante quatro.

Depois fingi que era um lavrador são e possante e pus um grande sorriso e caminhei com passos longos e confiantes. Isto durou cerca de meia fila. A seguir fui um camponês cansado de setenta e cinco anos, que trabalhara ao sol toda a vida. O meu nome era José e tinha dez filhos, vinte e cinco netos e uma mulher doente. Tentei amar as videiras e as uvas e o sol e a terra do mesmo modo sábio e espiritual com que José teria amado, e durante duas filas, consegui.

De seguida comecei a falar sozinho:

- Uma vez, quando tinha catorze anos -, disse ao Johnny Carson - fui trabalhar para as vinhas do meu pai em Fresno.

- Era difícil? - perguntou o Johnny.

- Era um trabalho duríssimo, impossível - disse eu.

- Pensa que isso o ajudou a ganhar o Prémio Nobel da Literatura?

- Sim, penso que sim. A disciplina que aprendi naquele rancho tornou-me num escritor melhor e num ser humano melhor.

- Foi criado em Beverly Hills, não foi?

- Sim, fui.

- Isso deve ter sido uma grande mudança.

- Ah, foi mesmo uma mudança, acredite. Mas estou contente de o ter feito. Estou contente de o ter feito. Estou contente de o ter feito. Estou contente de o ter feito.

Repeti e voltei a repetir esta frase, até que as palavras perderam o significado. Depois disse:

- Dia quente, quente, quente, quente, dia quente - Vinte ou trinta vezes. Depois cantei «Banana Boat». Não estava à espera disto. Não estava à espera de acordar às cinco da manhã e de trabalhar até às quatro da tarde. Não estava à espera de pintar uma vedação perto de um pântano e de ficar com sessenta mordidelas de meiga e de andar para cima e para baixo por entre filas de videiras com quarenta e um graus de calor e de raspar tinta de cimento e de virar canas e de arrancar ervas daninhas do tamanho de árvores e de estar cansado das pernas, dos braços, peito, pescoço, costas, pés. O que era pior era que o meu irmão se tinha convencido de que deveríamos ser o orgulho do Papá. E a seu ver, a única maneira de ser o orgulho do Papá era trabalhar mais e durante mais tempo do que era seguro ou natural. Para me convencer de que eu conseguia trabalhar mais e mais depressa se quisesse, pôs um bloco de gelo na cara e deixou-o derreter ali até que lhe cabia na boca. Depois chupou-o até desaparecer.

- Vês, Will? - disse. - Tudo é possível.

Ainda por cima, eu não sabia quanto dinheiro estava a ganhar. O meu irmão disse-me que quando

tivéssemos acabado o trabalho, o Papá ia perguntar quanto achávamos que valíamos por hora. O salário mínimo era de um dólar por hora e eu achava que merecia cinco vezes isso, portanto planeava dizer:

- Eu valho cinco dólares à hora, Papá.

Se ele parecesse surpreso, limitar-me-ia a repetir o número. Se ele me perguntasse porque é que eu valia cinco dólares à hora, eu diria:

- Porque tenho sessenta mordidelas de meiga e trabalhei mais em tempo mais quente do que alguém alguma vez trabalhou na vida. Porque pinte a casa de arrumações e andei para cima e para baixo por entre filas de videiras até que quase desmaiei, e estou cansado das pernas, dos braços, das costas e dos pés. Valho cinco dólares à hora, Papá, porque ninguém no seu perfeito juízo faria este tipo de trabalho por menos de vinte dólares à hora.

Cinco dólares à hora era o mínimo que podia esperar como compensação de ter sido ludibriado para aceitar este tipo de trabalho. E tinha mesmo, sem sombra de dúvida, sido enganado. O meu pai tinha dito:

- Gostavas de ir trabalhar em Fresno durante três semanas?

E eu tinha respondido:- Gostava.

O meu pai não tinha dito: «Gostavas de ir trabalhar nove horas por dia, com quarenta e um graus de calor, a marchar para cima e para baixo em filas intermináveis de vinhas até que tudo te doa e comeces a falar sozinho?»

Se o meu pai tivesse dito isso, eu teria dito: «Não, obrigado», e estaria agora em Beverly Hills a bronzear-me e talvez a apaixonar-me por alguém.

Por tudo isto, ia lutar pelos meus direitos, olhar o meu pai nos olhos e dizer-lhe exatamente o que eu valia.

O único problema era que o meu pai era um homem difícil de olhar nos olhos mesmo que fosse para dizer «Bom-dia», quanto mais para dizer «Eu acredito que valho cinco dólares por hora». Ele era, em si mesmo, tão decisivo e franco que fazia com que a franqueza das outras pessoas parecesse um desafio ou uma nova espécie de decepção. A última coisa que queria fazer, evidentemente, era desafiar o meu pai, mas ia mesmo assim pedir cinco dólares por hora. Mesmo se tivesse de o fazer num murmúrio.

\*

Duas semanas depois, quando todo o trabalho estava acabado, o meu irmão e eu estávamos sentados com o meu pai no escritório do rancho que tínhamos transformado no nosso quarto. Tinha-me esquecido de quão dinâmica e intimidante a presença do meu pai podia ser, mesmo quando estava em repouso, e perguntei-me por momentos se quatro dólares e cinquenta cêntimos não seria uma soma mais razoável. Não, pensei. Eu valho cinco dólares, e é isso que vou pedir.

Finalmente, após alguns minutos de conversa amena, a pergunta chegou.

- Bem, William - disse o meu pai -, o que é que pensas que devias receber à hora?

Este era, eu sabia, o meu momento, portanto sentei-me mais direito na cadeira, lembrei-me das sessenta mordidelas de melga, dos quarenta e um graus, das horas intermináveis, das tonturas, e da sede, olhei o meu pai nos olhos e disse:

- Setenta e cinco cêntimos, Papá.

O que não só era menos vinte e cinco cêntimos do que o salário mínimo, mas quatro dólares e vinte cinco cêntimos menos do que o meu orgulho, a minha dignidade e auto-estima. Imediatamente, pensei

em mudar o pedido para três dólares e setenta e cinco centavos, mas era tarde de mais: o meu pai já tinha assentido, e eu já tinha sorrido, e setenta e cinco centavos à hora era o que ia ganhar. Enquanto o meu pai se virava para o meu irmão para lhe perguntar quanto queria ele por hora, eu perguntava-me o que teria acontecido. Porque seria, pensava eu, que só tinha pedido setenta e cinco centavos quando sabia que valia cinco ou seis vezes essa quantia? Talvez, disse para comigo, porque subitamente tinha compreendido que pedir cinco vezes o salário mínimo a um homem que me dava casa, comida, roupa e tudo de melhor que havia na vida seria uma demonstração desavergonhada de mesquinhez e ingratidão. Talvez tivesse percebido, no último minuto, que . devia pensar nas minhas três semanas de trabalho árduo como uma honra e não uma afronta e, imbuído do espírito de gratidão e sacrifício, baixei o meu salário.

Isto não ajudava a explicar porque teria eu baixado o valor para setenta e cinco centavos em vez de um dólar, ou um dólar e cinquenta, mas sempre me ajudou a saborear o bife do lombo que comemos ao jantar, nessa noite, e a banir para sempre da minha mente a ideia de que eu tinha simplesmente perdido a coragem.

# O ANEL



Nós conhecíamos o anel do Papá há tanto tempo como conhecíamos o Papá. Era de ouro, e tinha gravada uma figura de mulher sentada no meio de umas ruínas e um diamante no canto superior direito. Durante muitos anos, não sabíamos quem era a mulher, nem o que significavam as ruínas ou o diamante. Sabíamos apenas que adorávamos o anel, e que o anel era o Papá, tanto como o seu sorriso, ou a sua voz, ou os olhos, ou o riso. Quando jogávamos à sardinha com ele, lá estava o anel. Quando ele dedilhava um ritmo num tambor ou num tampo de mesa para que o repetíssemos, o anel estava lá. Quando os nossos braços lutavam, todos juntos, contra o dele numa prova de forças, o anel estava lá.

O anel não se assemelhava a nada que uma pessoa pudesse ter comprado ou concebido propositadamente. Parecia antes algo que simplesmente acontecera, como se, uma bela noite, todas as coisas boas que faziam o meu pai se tivessem agregado em forma de anel dourado em volta do seu dedo. O que quer que fosse que ele tinha que nos fazia sentir seguros estava no anel. O que quer que fosse que ele tinha que nos fazia amá-lo, admirá-lo respeitá-lo e ter medo dele estava no anel. O anel era feito de todas as músicas doces e tristes que o meu pai tinha composto, e da fúria, da coragem, da bondade e da generosidade dele. O anel era o rosto do meu pai, e o rosto da sua alma forjado em ouro.

E talvez as qualidades do anel pudessem passar de uma pessoa para a outra. Talvez o que ele nos fazia sentir fosse o que nós faríamos os nossos filhos sentirem. Talvez tivéssemos a ficar um pouco mais parecidos com ele. Talvez tivéssemos a boca dele, os olhos, o queixo. E se tivéssemos a boca, talvez tivéssemos o sentido de humor dele; se tivéssemos os olhos dele, talvez tivéssemos o magnetismo; e se tivéssemos o queixo dele talvez tivéssemos a força que ele tinha.

De vez em quando, ele tirava o anel e deixava-nos segurá-lo, e era pesado e quente, e cada um de nós se sentia como se tivesse nas mãos um objeto precioso, substancial e mágico. As mãos do meu pai eram profundamente bronzeadas pelos anos de sol nas vinhas, mas o círculo de pele que o anel cobria era branco e macio, e parecia vulnerável. Lembrava-nos, pelo menos subconscientemente, de quem era o Papá por debaixo do seu brado e do seu riso. Era o círculo de pele branco e macio, mas era também o anel que o cobria.

\*

E então era Natal. O meu irmão tinha vinte e dois anos e eu dezassete. Não sabíamos o que estava dentro das duas caixinhas com embrulhos iguais, mas sabíamos que eram especiais, porque o Papá tinha dito para as guardarmos para o fim. Esteve sentado atrás de nós toda a manhã, à espera. Eu nunca o tinha visto esperar assim. Já o tinha visto esperar que a Mamã pusesse a maquilhagem; já o tinha visto esperar na fila da bilheteira do cinema; mas nunca o tinha visto esperar assim. A minha mãe e a minha irmã também estavam à espera. Elas sabiam o que eram as prendas e o que significavam

Quando chegou a altura de abrirmos as últimas duas prendas, o meu pai disse-nos para as abrirmos ao mesmo tempo. Portanto, pegámos cada um na sua caixa, desatámos os laços, levantámos as tampas, tirámos de dentro das caixas as bolsas verdes que continham a tal prenda especial, abrimos



as bocas franzidas das bolsas, viramo-las ao contrário, e sentimos o anel a cair na palma das nossas mãos. Por um momento, o tempo parou, e depois olhámos para o Papá.

# VIDA E OBRA



O Papá não parece bem ele, ultimamente. Parece mais meigo, mais passivo, parece estar mais em paz consigo mesmo e com o mundo. Um dia, chama a família à sala de gravações para ouvir as suas últimas canções. Há anos que ele faz isto. Às vezes, não gostamos muito das canções mas dizemos que gostamos. Desta vez, porém, é diferente. Desta vez todas as canções são boas. Desta vez todas as canções são excelentes. Desta vez, as canções são assombrosas, com letras sublimes e melodias belíssimas. Estou deliciado por finalmente lhe poder dizer o quanto gosto da música que ele faz.

Uma noite à mesa do jantar, ele olha para a Mamã e diz para a Carol, o Skip e para mim:

- Olhem para esta mulher linda. Será que vocês se apercebem da sorte que têm de ter uma mãe tão bonita?

Uma noite, já muito tarde, estou a falar com ele sobre os filmes dele. Ele diz que alguns dos realizadores de hoje em dia estão a ser preguiçosos. Diz que não é difícil usar as imagens que nos vêm à cabeça. Como exemplo, dá-me uma imagem que lhe vem à cabeça: um homem, diz ele, corre por uma colina acima enquanto um relógio conta os segundos. O tempo corre, diz ele, e o homem está a ficar sem tempo:

# ACABADO



Acordas e fazes o pequeno-almoço. Lês a banda desenhada de domingo e comes com o teu irmão e a tua irmã. São dez horas. A tua mãe está na cama porque não se sente bem. Está com gripe. Dizes ao teu irmão e à tua irmã como é bom que o Papá esteja a dormir até mais tarde hoje. Normalmente, ele já está cá em baixo quando os outros chegam. Ele deve andar muito cansado.

Pensas no que irás fazer hoje. Talvez fiques a ouvir música, ou talvez vás de bicicleta até à cidade. Talvez até escrevas um conto. Estás um pouco preocupado com a tua mãe. Se alguma vez acontecesse alguma coisa à tua mãe morrias de desgosto. Nunca nada vai acontecer ao teu pai, portanto não pensas nisso. Ontem à noite, ouviste-o a andar de um lado para o outro à uma da manhã. Estavas sentado na sala a ver televisão e ouviste os passos dele no teto. Pensaste para contigo: O Papá não consegue dormir. Ou talvez tenhas tido pena dele. Talvez tenhas mesmo pensado: Pobre Papá, não consegue dormir. Deve ter muito em que pensar.

Agora estás prestes a acabar o pequeno-almoço. O teu irmão foi lá para fora para se bronzear ao lado da piscina. A tua mãe desce as escadas. Perguntas-lhe com se sente e ela diz que está melhor.

- O Papá já veio cá abaixo? - pergunta.

- Ainda não - dizes. Isto, pensas tu, é uma boa notícia. Quer dizer que ele está a dormir e a ter o descanso todo de que precisa.

A tua mãe não fica com um ar lá muito contente. Diz-te a ti e à tua irmã que o Papá não se estava a sentir bem ontem à noite.

Lembras-te da noite de Natal, há três anos, quando tu não te sentias bem e ele te deu chá quente com brandi, limão e mel. Lembras-te de como ele te aconchegou os lençóis nessa noite e se certificou de que estavas confortável.

E portanto dizes:

- Vou lá levar-lhe um chá quente com brandi e mel e sumo de limão.

Mas a tua mãe diz que não - que ela vai lá ver como é que ele está.

Porque é que te sentes estranho neste momento? De que é que te lembraste, ou quase te lembraste? Pões a dúvida de lado e sobes a escada para o teu quarto. Sorris para o teu reflexo bem-parecido no espelho. Lavas os dentes. Olhas para o espelho outra vez e desta vez a tua expressão muda. E então sentes-te estranho outra vez. Porquê? Por alguma razão que desconheces, ajoelhas-te e pedes a Deus que não deixe que o teu pai morra. Pedes a Deus, por favor, que ele não esteja morto. Senteste um bocado estranho a rezar por ele, porque sabes que o teu pai está bem.

Depois levantas-te. Senteste-te melhor. Olhas para o espelho e sorris de novo para o teu rosto bem-parecido.

Nada de preocupações agora. Nada de sensações estranhas.

O telefone toca. Vais atender. É a Pam Green para falar com a tua irmã. Vais até ao quarto da tua irmã e vês a tua mãe e a tua irmã a falarem. Nenhuma delas tem um ar muito normal.

- A Pam está ao telefone - dizes.

- Pergunta-lhe se lhe posso telefonar depois - diz a tua irmã. A voz dela não está muito diferente da voz que tem normalmente, no entanto sabes que há qualquer coisa que não está bem.

- O que é que se passa? - perguntas.

- Nada - diz a tua irmã. A voz dela está muito calma, mas também tem uma ponta de urgência. Olhas

para a tua mãe, e ela tem uma expressão esquisita na cara.

Perguntas à Pam se a tua irmã lhe pode telefonar mais tarde, e ela diz que está bem. Vais até à casa de banho e olhas para o espelho, e descobres que tens a mesma expressão esquisita na cara que a tua mãe tinha na dela. Pões-te de joelhos e pedes a Deus, por favor, que não deixe o teu pai estar morto. Desta vez estás a rezar a sério. Desta vez tens a sensação de que talvez haja mesmo algo de errado. Vais até ao quarto do teu pai e vês que a porta está fechada. Voltas ao teu quarto. Sabes que isto não tem nada a ver com o teu pai. Sabes que tens uma imaginação fértil e que fizeste um grande caso de alguma coisa minúscula. Sabes que o teu pai está ótimo e que a tua mãe e a tua irmã estão a falar de outra coisa completamente diferente. Quase te convenceste disto quando a tua irmã entra no quarto e diz que a Mamã quer falar contigo. Agora sabes que alguma coisa se passa.

- Está tudo bem? - perguntas-lhe.

- Ah, sim, tudo bem - diz a tua irmã. É muito convincente quando diz aquilo; diz aquilo como se estivesse mesmo tudo bem.

Entras no quarto da tua mãe e ela está sentada na cama. Ainda tem a mesma expressão esquisita na cara. E uma espécie de semi-sorriso estonteado.

- Há uma coisa que tenho de te dizer - diz ela.

E agora sabes. Não queres saber, mas sabes mesmo assim. Não será verdade se ela não o disser, mas tu sabes. Não há mais nada que aquela expressão na cara dela possa significar; não há mais nada que os olhos dela possam significar.

- O Papá morreu - diz ela, e um relâmpago branco dispara na tua cabeça e então estás a chorar, mais rapidamente do que alguma vez na vida choraste ou sorriste ou piscaste o olho ou riste ou pestanejaste. E de repente consegues ver tudo - vês o que tudo quer dizer. Só dura um instante, mas é um instante eterno, um instante que demoraria anos a escrever. E tudo o que sentes é uma onda de vinte metros, e subitamente estás na onda, a ser levado pela onda, e é assustador porque é demasiado forte. A onda é capaz de te partir como um palito, e há ondas depois desta, mais altas e mais fortes, que te vão partir até te desfazer e arrastar-te para um vasto território desconhecido. E então a onda apaga-se e estás bem outra vez. Tão depressa como começou, pára. E os teus olhos estão secos e estás a sorrir. Pensas que tudo está bem outra vez. Pensas que já te passou a morte do teu pai. Pensas que paraste de sentir a dor.

Tens dezassete anos, e por isso sabes que tens razão.

# O DIA DAS MUDANÇAS



O tempo tinha chegado e passado. A mobília desaparecera toda. Todos os livros e os quadros e os talheres tinham desaparecido. O irmão, a mãe e a irmã estavam a caminho das suas casas respectivas e daqui a dez ou quinze minutos ele ia sair desta casa pela última vez. Agora era crescido -tinha mais sete anos, mais doze centímetros e mais dezoito quilos do que aquele rapaz a quem o Mike Dichter tinha batido há tantas segundas-feiras. Tinha um corpo musculado, patilhas, pêlos no peito, um cinturão verde no karaté, e a triste consciência de que nunca veria a família dentro destas paredes outra vez.

A madeira do chão da entrada estava coçada e riscada nos sítios onde os homens das mudanças tinham arrastado as caixas cheias e empurrado o piano e as televisões lá para fora. Pela janela, via os topos dos arbustos por podar, os molhinhos de ervas daninhas e as manchas de erva queimada no relvado que antigamente era imaculado. Reparou em todas as folhas no terraço e pensou o que diria o pai sobre aquilo. Pensou como lhe iria explicar que tinha deixado de as varrer.

Atravessou a entrada, os passos a ecoarem, e entrou no oval vazio da sala de pequeno-almoço. Olhou para o pequeno alto por debaixo da velha carpete amarela, a lembrar-se da primeira vez que a mãe tinha ali posto o pé e carregado, e a ouvir a campainha a tinir na cozinha tão nitidamente como tinha ouvido naquele dia. Por muito que se esforçasse, não conseguia acreditar que era esta a sala em que a mãe tinha sido tão nova, a irmã uma adolescente, em que o irmão tinha tido dez anos e usado um aparelho nos dentes. A irrealidade da sala fazia-o sentir-se também irreal e se, naquele momento, alguém tivesse entrado, tinha a certeza de que não o teriam visto, como não veriam as cadeiras onde a sua família se costumava sentar, a mesa onde costumavam comer, o chão encerado e as alcatifas novas. Atravessá-lo-iam ao passarem para a sala para tirar as medidas às paredes, ou a caminho do quarto da mãe para medir os roupeiros. Olhou pela janela para o quintal anónimo onde, parecia, nunca houvera uma festa, nenhuma banda tinha tocado, nenhum casal tinha dançado, e saiu da sala vazia.

Ao pé da escada atapetada a verde, olhou para o lustre, e lembrou-se da primeira vez que o tinha visto. Na parede branca manchada à sua direita, estava o interruptor que fazia acender as velas brancas e ele ligou-o e desligou-o, e ligou e desligou, como tinha feito catorze anos antes. Tentou sentir-se maravilhado como se sentira então, mas já não havia magia nenhuma nas velas acesas e nos cristais refletores. Passou a mão pelo corrimão gasto e poeirento e olhou para cima, para a escadaria que em tempos o chamara para um mistério e agora o chamava para outro. Subiu as escadas devagar, porque o coração lhe batia demasiado depressa e tinha a sensação desagradável de que flutuava num sonho.

Quando chegou ao patamar, mediu o pulso, hábito que tinha adquirido depois da morte do pai, e sentiu uma palpitação rápida contra os dois dedos. Respirou fundo para se acalmar e entrou no quarto da irmã. Quase não conseguia ver o quarto. Tudo o que sentia era o coração a latejar. Foi o mesmo quando foi ao quarto da mãe e depois ao do pai.

Agora estava de pé no meio do seu quarto, que lhe parecia tão vazio e anónimo como os restantes. Olhou para as estantes embutidas onde os livros dele tinham estado, para as marcas na carpete onde tinha estado a secretária. Pela janela, via as árvores distantes do quintal do vizinho e, para além delas, as visões encantadas da infância - as carpetes voadoras da Arábia, as praças de touros da

Espanha, e os oceanos onde as sereias cantavam.

Entrou na casa de banho, olhou para o espelho, e viu a última das suas caras que ali veria. E tudo o que queria fazer agora era voltar ao princípio, à primeira cara, à árvore no quintal que não podia ser escalada, a pendurar roupa no armário novo com o irmão. Mas agora o quarto era o de outra pessoa. Ele tinha vindo para lhe dizer adeus, mas o quarto quase já lá não estava, estava tão longe como o pai.

Foi até à soleira da porta, deitou um último olhar às camas onde ele e o irmão dormiam, disse adeus aos dois rapazes que ali tinham dormido, e desceu as escadas das traseiras, passou pela sala do pequeno-almoço, atravessou o soalho gasto da entrada, até à porta da frente. Hesitou ali, sabendo que era chegado o tempo de partir. Pensou no que faria amanhã, e todos os dias depois de amanhã. Não sabia como era que algum desses dias se podia transformar numa vida ou numa carreira, ou numa mulher, ou numa família. Tudo o que sabia era que já não podia ficar aqui, e que uma nova família ia polir estes soalhos, pintar estas paredes, mobilar estes quartos e torná-los seus.

Olhou em volta pela última vez, para o hall da entrada e depois para a escadaria verde. Lembrou-se do seu eu dos seis anos a ver a escadaria pela primeira vez. Lembrou-se de como ela parecia desaparecer em direção a uma incógnita que o assustava, um futuro longínquo no qual bicicletas enferrujavam em garagens, bilhetes amorosos amareleciam em caixas na cave, e todas as superfícies de todas as piscinas eram transparentes e frias como o vidro. Sempre soubera, algures lá dentro, que esse futuro vinha aí.

E ali estava ele, de pé no meio desse futuro, a enfrentar uma nova incógnita, uma nova casa à espera de se tornar num lar.

# EPÍLOGO

## *a bomba de água*



Estava debaixo de uma árvore em Fresno, a pensar em pintar o fundo de uma bomba de água de branco. Não era uma bomba muito grande, e eu já estava a pintá-la há dez minutos, mas não era capaz de me deitar de costas e pintar o fundo. Não conseguia porque tinha medo de aranhas e Fresno, como eu sabia, era território de viúvas negras. Tinha medo de aranhas desde os quatro anos, quando a minha baby-sitter tinha dado um grito e apontado para um canto a um metro da minha cama e dito:

- Está ali uma aranha. Pode matar-te!

Daí para frente, cada vez que via uma aranha, o terror era tal que tanto o meu coração como o meu corpo saltava para trás um ou dois metros, figurativos e literais. Se estivesse noutra parte do país - no Connecticut, por exemplo - teria certamente acabado o trabalho, mas isto aqui era Fresno e eu não estava disposto a arriscar a morte por causa de uma bomba de água.

Por outro lado, tinha um trabalho para fazer, e há anos que o meu pai andava atrás de mim para acabar coisas. Tinha andado atrás de mim para que acabasse de secar as jantes depois de as lavar, para que varresse as folhas dos cantos do terraço, e para que, em geral, fosse a melhor pessoa que conseguia ser. E eu queria mesmo ser a melhor pessoa que pudesse, mas não queria morrer a fazê-lo. De qualquer modo, andava a acabar tudo o que começava há doze dias, desde que viera para as vinhas.

Por outro lado, era difícil olhar para aquela bela bomba branca e saber que tinha um fundo sujo e castanho. Queria dizer que não eu tinha acabado o meu trabalho. Queria dizer que eu era a mesma pessoa que tinha sido um ano antes, dois anos antes. O que é que o meu pai queria de mim? Queria que eu morresse? Eu concordava com ele que era preguiçoso e abandalhado, mas esta não era certamente a altura indicada para começar a acabar as coisas. E quem é que ia saber que o lado de baixo da bomba não estava pintado? E quem é que se ia importar? De qualquer modo, o meu pai estava em Los Angeles e eu estava em Fresno, portanto ele nunca ia saber.

Por outro lado, eu não queria ser preguiçoso e abandalhado, e por isso usei de toda a coragem e determinação que tinha, deslizei para debaixo da bomba, tentei com todas as minhas forças ignorar o perigo de aranhas, não fui capaz, entrei em pânico, e levantei-me de um salto.

Não era capaz. Não havia vergonha nenhuma nesse facto. Vergonha nenhuma. Eu teria acabado de pintar a bomba de água se não estivesse em Fresno e Deus não tivesse inventado as viúvas negras. Assim, deixei a bomba, sentindo que tinha feito o melhor que podia e fui ter com o meu irmão, que estava a raspar tinta das janelas da casa de arrumações. Vinte minutos passados, vimos o Mercedes do meu pai a dirigir-se para nós para uma visita surpresa.

Estava feliz por ver o meu pai porque acreditava plenamente que me tinha tornado num ser humano mais industrioso e trabalhador, e mal podia esperar que ele visse o novo eu - o eu que tinha subido e descido intermináveis filas de videiras sob um sol escaldante, arrancado ervas, virado canas, pintado vedações e ganho músculos. E também, porque me tinha esquecido por completo da bomba de água.

Depois do Skip e eu o termos abraçado e beijado, ele perguntou-nos como estávamos.

- Ótimos - dissemos.

- A trabalhar muito?

- Muitíssimo.

Dez minutos mais tarde estávamos a conduzi-lo numa volta às vinhas e a mostrar-lhe os maravilhosos melhoramentos que o nosso trabalho árduo tinha obrado. Ele parecia satisfeito e orgulhoso e feliz, e eu sabia que pelo menos metade do agrado, do orgulho e da felicidade dele tinha a ver comigo.

E então chegámos à bomba de água e eu lembrei-me de tudo. Por momentos, pensei que talvez houvesse a hipótese de que o meu pai se concentrasse na alegria de estar na sua própria vinha, com os seus dois filhos e não olhasse para o fundo da bomba. Mas o meu pai tinha nascido para reparar em tudo, especialmente em trabalhos inacabados.

- Que espécie de bandalheira vem a ser isto? - disse ele ao espreitar para o fundo da bomba.

Não havia resposta possível para aquela pergunta, por isso fiquei calado.

- Quem é que pintou isto?

- Fui eu - disse.

- Olha aqui para o fundo.

Eu olhei.

- Chamas a isto acabado?

- Não - disse eu. Nem sequer pus a hipótese de lhe contar do meu medo das aranhas e da possibilidade da morte. Não era capaz de fazer nada para além de olhar fixamente para o fundo da bomba de água, castanho, ferrugento e por pintar.

O meu pai sacudiu a cabeça, como se ainda não tivessem sido inventadas as palavras capazes de descrever o seu desdém e a sua desilusão.

- Acaba - disse ele.

Depois de ele se ter ido embora, deitei-me de costas e acabei de pintar a bomba de água, sem nunca parar de me queixar sobre certos homens que estavam constantemente a pôr defeitos nos filhos. Agora que penso naquele tempo, porém, compreendo que se o meu pai fosse o tipo de homem que se dá sempre ao luxo de gozar a companhia dos seus filhos, a vista e o cheiro das suas vinhas e três quartos de uma bomba de água, eu nunca teria acabado este livro.

Fim



Digitalização e correção: Carla Maria Mártires e José Canelas

Tradução: Susana Serras Pereira

Formatação/conversão ePub: Relíquia